

ANÁLISE DA CAMPANHA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO da PRODUÇÃO ANIMAL NO NORTE DE PORTUGAL

2024

Jerónimo Côrte-Real Santos



Foto gerada por IA.

CCDR
NORTE
Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I.P.

Divisão de programas e avaliação

Conteúdo

1. Introdução
2. Classificação da fileira
3. Áreas de mercado
4. Produção
 - 4.1. Incidência geográfica
 - 4.2. Raças e categorias
 - 4.3. Caracterização tecnológica
 - 4.3.1. Sistemas de criação
 - 4.3.2. Modo de produção
 - 4.4. Condicionamentos de natureza climática e sanitária
 - 4.5. Condicionamentos de natureza sócio económica
 - 4.5.1. Tipologia dos criadores
 - 4.5.2. Importância da atividade económica na região
 - 4.5.3. Rendimento da atividade para o criador na campanha 2023
 - 4.6. Área, produção e produtividade
5. Comercialização
 - 5.1. Calendário
 - 5.2. Oferta *vs* procura
 - 5.3. Circuitos de comercialização
 - 5.4. Evolução das cotações
6. Perspetivas

1. Introdução

Este documento pretende fazer uma análise de campanha da produção animal relativa ao ano de 2024 com base na informação providenciada pelo Sistema de Informação de Mercados Agrícolas (SIMA). O Sistema de Informação dos Mercados Agrícolas (SIMA) tem como objetivo o acompanhamento do mercado de produtos agrícolas, recolhendo os dados que permitam informar os decisores políticos, que têm a missão de acompanhar as políticas de mercado (nacionais e comunitárias) assim como informar o próprio mercado e os seus agentes, prestando um serviço público de regulação.

A produção animal desempenha um papel fundamental na sustentabilidade económica, social e ambiental do Norte de Portugal. Esta região, caracterizada por uma forte tradição agropecuária, apresenta um mosaico diversificado de sistemas de criação — desde explorações familiares de pequena escala até unidades produtivas mais tecnológicas que contribuem significativamente para o abastecimento alimentar, a dinamização das economias locais e a manutenção da paisagem rural. A produção animal assume, assim, um peso estratégico não só no fornecimento de carne, leite, ovos e outros produtos de origem animal, mas também na preservação de práticas culturais e na valorização de recursos endógenos.

Nos últimos anos, o setor tem enfrentado um conjunto de desafios e oportunidades que tornam cada vez mais necessária uma análise rigorosa e sistematizada. Entre os principais fatores destacam-se as exigências crescentes dos consumidores, a adaptação às normas de bem-estar animal, as preocupações com a segurança alimentar, a pressão ambiental associada às emissões e à gestão de efluentes, bem como a necessidade de aumentar a eficiência produtiva num cenário de volatilidade dos mercados. Ao mesmo tempo, surgem novas perspetivas relacionadas com a inovação tecnológica, a digitalização das explorações, a certificação de produtos e a transição para modelos mais sustentáveis.

A elaboração de um relatório de análise de campanha sobre a produção animal no Norte de Portugal assume, assim, elevada importância. Este tipo de documento permite não só avaliar o desempenho das explorações e identificar tendências, mas também apoiar a tomada de decisões estratégicas por parte de produtores, técnicos, entidades públicas e organizações do setor. Através da recolha e interpretação de dados, é possível compreender melhor os constrangimentos existentes, propor melhorias operacionais, antecipar riscos e reforçar a competitividade regional.

Desta forma, este relatório procura constituir uma ferramenta útil, clara e fundamentada, que contribua para o desenvolvimento sustentável da produção animal

no Norte de Portugal, promovendo práticas mais eficientes, responsáveis e alinhadas com os desafios atuais e futuros do setor.

No SIMA, os produtos animais apenas são considerados nos mercados de produção. Os laticínios assumem uma importância relevante no quadro do SIMA, mas no detalhe geográfico são apresentadas cotações apenas ao nível de Portugal Continental e dos Açores para o leite à produção.

2. Classificação da fileira

A fileira da produção animal é considerada estratégica.

3. Áreas de mercado

No SIMA, existem dois tipos de mercados para a produção animal: os mercados de produção, e um mercado específico para os laticínios.

Os mercados de produção são diferenciados em função da espécie animal e apresentam cotações distintas de valores mínimo, máximo e frequência, para a espécie bovina, suína, ovinos e caprinos, leporídeos e para 6 espécies diferentes de peixes.

O mercado dos laticínios é de âmbito nacional e englobam 6 produtos: leite à produção, leite bio à produção, leite embalado, leite em pó, manteiga e queijo.

4. Produção

4.1 – Incidência geográfica

A informação dos preços nos mercados abastecedores está associada a diferentes espaços geográficos em função da espécie animal. Para os bovinos são consideradas as regiões de Entre Douro e Minho com os mercados do “Entre Douro e Minho,” Alto Minho”, “Baixo Cávado”, “Ribadouro”, “Vale do Sousa” e a região de Trás-os-Montes com os mercados de “Terra Fria”, “Alto Tâmega”. Implicitamente há uma associação de cada uma das raças autóctones com os mercados das regiões das suas áreas de criação. Por exemplo a raça Arouquesa apenas aparece referenciada no mercado de Ribadouro que corresponde há sua área de criação por excelência, mas a raça Barrosão cuja área de criação se espalha por Trás-os-Montes e o Entre Douro e Minho aparece referenciada em mercados de ambas as regiões ainda que os produtos animais sejam diferentes entre cada uma das regiões.

No caso dos suínos apenas tem expressão no mercado da região do Entre Douro e Minho localizado em Vila Nova de Famalicão.

No caso dos pequenos ruminantes (ovinos e caprinos) é apenas considerada a região de Trás-os-Montes com os mercados de “Alto Tâmega”, Terra Quente” e “Terra Fria”. Para os coelhos apenas existe um mercado de âmbito nacional sem diferenciação por produto ou por região. Para o pescado, que inclui o carapau, a cavala, a dourada, a garoupa e a pescada o mercado considerado no SIMA tem âmbito nacional.

4.2 - Espécies, raças e categorias de animais

As espécies consideradas no SIMA e que serão objeto de análise neste trabalho são os bovinos, suínos, caprinos e ovinos. No caso das aves, dos ovos, leite e lacticínios, coelhos e pescado no SIMA não está considerado qualquer mercado do Entre Douro e Minho nem de Trás-os-Montes, sendo apenas considerados a nível nacional.

Os genótipos que são consideradas no SIMA da espécie bovina são a Arouquesa, Barrosão, Minhota, Mirandesa enquanto raças autóctones, Turina e cruzados de Charolês considerados de origem exótica, isto é, de origem não portuguesa.

As categorias (produtos comercializáveis) de animais são diferentes em função da espécie animal. Assim nos bovinos o SIMA considera as categorias de “novilha”, “novilho”, “vaca”, “vitela”, “vitelão” e “vitelo”. Nos suínos apenas é considerada a categoria de “porco”. Nos caprinos as categorias consideradas são “bode”, “cabra” e “cabrito” enquanto nos ovinos considera-se o “borrego”, “carneiro” e “ovelha”. Nos leporídeos apenas existe a categoria “coelho”, o mesmo que para o pescado em que apenas é considerada a designação comum de cada espécie de peixe, carapau, a cavala, a dourada, a garoupa e a pescada.

4.3. Caraterização tecnológica

4.3.1 - Sistemas de criação

A produção animal no Norte de Portugal caracteriza-se por uma forte heterogeneidade de sistemas de criação, resultante das particularidades geográficas, climáticas e socioeconómicas da região. Esta diversidade traduz-se numa combinação de métodos tradicionais com soluções tecnológicas emergentes, moldando um setor dinâmico que procura equilibrar eficiência produtiva, sustentabilidade ambiental e bem-estar animal. Os sistemas de criação mais frequentes incluem modelos extensivos, semi-intensivos e intensivos, cada um adaptado às espécies exploradas e aos recursos disponíveis. Nas zonas de montanha e nas áreas com menor aptidão agrícola predominam sistemas extensivos, especialmente associados à criação de bovinos de carne, ovinos e caprinos. Estes sistemas tiram partido de pastagens naturais e matos, favorecendo uma gestão

sustentável do território, a conservação da paisagem e a valorização de raças autóctones. Embora apresentem menores índices de produtividade por animal, são reconhecidos por promoverem produtos de elevada qualidade e por contribuírem para a biodiversidade.

Os sistemas semi-intensivos e intensivos, existem sobretudo na bovinicultura de leite, na suinicultura e na cunicultura. Estes modelos apostam na utilização de instalações especializadas, controlo rigoroso de condições ambientais, suplementação alimentar equilibrada e práticas de gestão que maximizam o rendimento por unidade de área. A intensificação produtiva tem permitido aumentar a competitividade do setor, reduzir custos e assegurar um fornecimento regular ao mercado, ainda que exija maior investimento em tecnologia, biossegurança e formação técnica. A cunicultura é praticada em explorações familiares e algumas pequenas unidades comerciais. Portugal ainda importa parte da carne de coelho (por exemplo, de Espanha), o que indica que há espaço de crescimento para os sistemas locais de produção. O principal objetivo destas explorações é a produção de carne e reprodução de animais para venda. Com pouca expressão existem explorações para criação de coelhos para produção de pele/pelo ou para exibição (em menor escala).

Do nosso conhecimento, existe no concelho de Fafe uma exploração que se dedica à colheita de sémen e produz machos reprodutores para comercialização.

Poderemos considerar como principais sistemas de criação de peixe no Norte de Portugal, os sistemas intensivos em água interior à base de tanques terrestres com escoamento contínuo (água renovada pelo rio) ou em sistemas de recirculação (RAS) com reutilização de água onde a principal espécie criada é a truta-arco-íris. Também existe, ainda que com menor impacto a chamada aquacultura de lazer onde a truta é criada num lago sendo depois explorada em pesca desportiva. Contudo, estes sistemas utilizados no Norte de Portugal assim como a truta, não são reportados pelo SIMA.

Do ponto de vista tecnológico, as explorações do Norte de Portugal têm vindo a integrar progressivamente ferramentas digitais e equipamentos automatizados. Sistemas de monitorização do comportamento e saúde animal, ordenha robotizada, sensores ambientais, software de gestão de explorações e técnicas avançadas de reprodução assistida são exemplos de inovações já presentes em muitas unidades produtivas. Estas tecnologias permitem recolher dados em tempo real, otimizar recursos, melhorar o bem-estar animal e apoiar decisões estratégicas baseadas em indicadores fiáveis.

Paralelamente, observa-se um crescente interesse por práticas alinhadas com os princípios da agricultura sustentável e da economia circular. A gestão eficiente de efluentes, a valorização energética de resíduos pecuários, a utilização de pastagens permanentes e a redução do uso de antibióticos representam tendências que reforçam a responsabilidade ambiental das explorações da região.

Em síntese, a caracterização tecnológica da produção animal no Norte de Portugal reflete uma convivência entre tradição e inovação. Os sistemas de criação adaptam-se às condições locais, enquanto a incorporação gradual de tecnologia permite melhorar a eficiência, garantir padrões elevados de qualidade e responder aos desafios contemporâneos do setor.

4.3.2. Modo de produção

No modo de produção convencional consideram-se dois níveis diferentes: o modo intensivo e o modo extensivo, sendo que o critério diferenciador é o encabeçamento por área de alimentação.

Como modos de produção diferenciados podemos considerar o modo de produção biológico que encerra um conjunto de regras e práticas de criação animal que têm de ser certificados por uma entidade específica para o efeito e também o sistema de produção integrado que está cada vez mais em voga e que requer acompanhamento específico por técnicos certificados pela Direção Geral Agricultura e Desenvolvimento Rural – DGADR.

4.4- Condicionalismos de natureza climática e sanitária

A produção animal no Norte de Portugal é marcada por um conjunto de condicionalismos que influenciam diretamente a produtividade, os custos de exploração e o bem-estar animal. Estes condicionalismos resultam principalmente das características climáticas próprias da região e das exigências sanitárias associadas à densidade pecuária e às políticas de saúde animal.

O Norte de Portugal é uma das regiões mais húmidas do país, com índices elevados de precipitação ao longo de grande parte do ano. Estes fatores têm impacto quer ao nível da degradação rápida das pastagens devido ao excesso de água, no aumento de doenças associadas à humidade, como problemas podais em bovinos e pequenos ruminantes assim como na dificuldade na secagem e armazenamento de forragens, o que condiciona o planeamento alimentar das explorações.

Os invernos frios, especialmente nas zonas de montanha (Gerês, Montalegre, Barroso), aumentam a necessidade de abrigos adequados e encarecem os sistemas de alimentação e manejo. Os episódios de geadas e neve podem limitar o pastoreio e restringir a disponibilidade de forragem. Os verões, apesar de geralmente amenos, têm vindo a tornar-se mais secos devido à variabilidade climática o que provoca a redução temporal da qualidade das pastagens, sobretudo em sistemas extensivos e exerce uma maior pressão sobre a água disponível para animais e produção de forragens. Os fenómenos como períodos de seca mais frequentes, ondas de calor ou chuvas intensas curtas representam novos desafios e podem ter impactos no conforto térmico dos animais, na instabilidade das culturas forrageiras assim como dificuldade em gerir as infraestruturas e recursos hídricos.

A concentração de explorações leiteiras, suinícolas e avícolas implica um maior risco de transmissão de doenças entre explorações próximas e na necessidade reforçada de biossegurança e controlo de movimentos. Há certas doenças que apresentam prevalência significativa devido às condições climáticas e aos sistemas de produção como por exemplo o parasitismo interno e externo em que a humidade favorece parasitas gastrointestinais, pulmonares e artrópodes. As podas dermatites e doenças podais são intensificadas pela lama e solos húmidos. A brucelose e tuberculose apesar de programas oficiais de erradicação, continuam a exigir uma vigilância bastante apertada.

A produção animal tem protocolos rigorosos de vacinação, testagem e certificação, especialmente em bovinos, suínos e aves, onde há a necessidade de cumprir normas de bem-estar animal, higiene e rastreabilidade bem como obrigações no tratamento e gestão de efluentes e resíduos biológicos.

Como em toda a Europa, existe uma preocupação crescente com a utilização de antibióticos.

4.5. Condicionalismos de natureza sócio económica

Em 2024, a produção animal no norte de Portugal continua a ser fortemente moldada por um conjunto de condicionalismos socioeconómicos que refletem tanto dinâmicas estruturais antigas como desafios mais recentes. Esta região, marcada pelo predomínio do minifúndio, pela agricultura familiar e por uma forte ligação entre produção agropecuária e território, enfrenta constrangimentos específicos que influenciam a viabilidade económica e a sustentabilidade social das explorações pecuárias.

Um dos principais condicionalismos é a estrutura fundiária fragmentada, característica do Norte, que limita a escala de produção e dificulta investimentos em modernização, mecanização e eficiência produtiva. Muitas explorações de bovinos de leite, bovinos de carne, suínos e pequenos ruminantes operam com margens reduzidas, dependendo fortemente do trabalho familiar. Esta realidade está intimamente ligada ao envelhecimento dos produtores e à dificuldade de renovação geracional, uma vez que os jovens revelam menor disponibilidade para assumir atividades exigentes, com retorno económico incerto e elevada carga burocrática.

Em 2024, os custos de produção continuam a ser um fator crítico. Apesar de alguma estabilização face a anos anteriores, os preços das rações, da energia, dos combustíveis e dos fatores veterinários mantêm-se elevados, pressionando a rentabilidade das explorações. Esta situação afeta particularmente os produtores mais pequenos, com menor poder negocial junto de fornecedores e compradores. Paralelamente, a volatilidade dos preços pagos à produção, sobretudo no leite e na carne, contribui para um clima de incerteza económica.

A Política Agrícola Comum (PAC 2023–2027), assume um papel central no enquadramento socioeconómico da produção animal. Em 2024, os apoios diretos e os sistemas de produção ligados ao eco regime e ao desenvolvimento rural são fundamentais para a manutenção da atividade pecuária no Norte. No entanto, muitos produtores enfrentam dificuldades de adaptação às novas exigências ambientais, administrativas e de bem-estar animal, que implicam custos adicionais e maior complexidade na gestão das explorações.

Outro condicionalismo relevante é a escassez de mão de obra, agravada pelo envelhecimento da população rural e pela migração para os centros urbanos ou para outros setores de atividade. A produção animal exige trabalho contínuo e especializado, o que torna a contratação externa difícil e onerosa. Em resposta, algumas explorações têm investido na digitalização e automatização, mas estas soluções permanecem pouco acessíveis para muitos pequenos produtores.

Por fim, fatores como as alterações climáticas, com impacto na disponibilidade de pastagens e de água, e a crescente sensibilidade dos consumidores a questões de sustentabilidade, bem-estar animal e origem dos produtos, influenciam as opções produtivas e comerciais. Embora representem desafios, estas tendências também abrem oportunidades para a valorização de produções locais, sistemas extensivos e produtos de qualidade diferenciada.

4.5.1. Tipologia das explorações

A estrutura dos efetivos de ruminantes e suínos, segundo dados do INE por espécie animal e segundo o número de cabeças normais está ilustrado na tabela 1.

Tabela 1- distribuição dos efetivos animais segundo o número de cabeças normais

Classes de cabeças normais	BOVINOS (nº CN)	SUÍNOS (nº CN)	OVINOS (nº CN)	CAPRINOS (nº CN)
0 - <1	1403	4525	2997	1084
1 - <3	7347	1312	5641	1531
3 - <5	6369	543	2423	487
5 - <10	16174	749	4982	1191
10 - <20	20048	1242	6903	1878
20 - <30	12088	414	3662	963
30 - <40	9478	263	1318	234
40 - <50	10204	96	401	219
>= 50	131321	5365	658	207
Total	214432	14508	28984	7793

Fonte: INE, Inquérito às estruturas de 2023.

Nas tabelas 2, 3, 4 e 5 ilustramos o efetivo animal dos ruminantes e suínos por categoria animal e por sub-região de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes.

Tabela 2 – Efetivos animais da espécie bovina por categoria animal

BOVINOS	EDM	TM
Vitelos de carne < 1 ano	21331	7169
Outros vitelos machos com < 1 ano	17203	2281
Outros vitelas fêmeas com < 1 ano	37632	5590
Machos entre 1 a 2 anos	9704	695
Fêmeas para abate com entre 1 a 2 anos	3027	356
Fêmeas reprodutoras com entre 1 a 2 anos	33213	2629
Machos com > 2 anos	4582	1514
Novilhas para abate com 2 anos e mais	5188	1229
Novilhas reprodutoras com 2 anos e mais	7228	474
Vacas leiteiras	77113	2429
Outras vacas	30623	19633
Total	246844	43999

Tabela 3 – Efetivos animais da espécie suína por categoria animal

SUÍNOS	EDM	TM
Suíños com menos de 20 kg de PV	19442	3660
Suíños de 20 a 50 kg de PV	5338	1800
Suíños de 50 a < 80 kg	14595	1517
Suíños de 80 a < 110 kg	7127	860
Suíños com >= 110 kg (inclui reprodutores de refugo)	294	701
Varrascos	450	328
Porcas cobertas pela 1ª vez	603	663
Outras porcas cobertas	3759	2912
Porcas jovens ainda não cobertas	514	625
Outras porcas ainda não cobertas	1811	706
Total	53933	13772

Tabela 4 – Efetivos animais da espécie ovina por categoria animal

OVINOS	EDM	TM
Ovelhas e borregas leiteiras	93	19822
Outras ovelhas e borregas cobertas	57736	139819
Outros ovinos	9372	27538
Total	67201	187179

Tabela 5 – Efetivos animais da espécie caprina por categoria animal

CAPRINOS	EDM	TM
Cabras	30155	35433
Chibas cobertas	1712	1586
Outros caprinos	4652	6168
Total	36519	43187

Da análise da tabela 1 verifica-se que nas espécies de ruminantes a classe com maior número de animais é a de entre 10 a 20 CN. Já nos suínos as classes mais representativas são as dos extremos evidenciando assim o impacto da criação do porco caseiro para autoconsumo, mas também as indústrias de carnes de porco em que o efetivo animal com mais de 50 animais por exploração é mais relevante.

No EDM o efetivo de bovinos e suínos é maior do que em TM. Já nos pequenos ruminantes a situação é inversa.

4.5.2. Importância da atividade económica na região

A produção animal assume uma importância económica muito significativa no norte de Portugal, desempenhando um papel central na estrutura produtiva regional, na fixação da população rural e na dinâmica das economias locais.

A produção animal representa uma parcela importante do valor da produção agrícola do Norte, destacando-se sobretudo os setores dos bovinos de leite, com forte concentração no Entre-Douro-e-Minho, sendo esta uma das principais regiões leiteiras do país, os bovinos de carne, ovinos e caprinos, mais presentes em zonas de montanha e interiores e a avicultura e suinicultura, associadas a sistemas mais intensivos e à agroindústria.

Estes setores alimentam cadeias económicas que incluem a indústria de transformação (laticínios, carnes), logística, comércio e serviços, contribuindo de forma direta e indireta para o Produto Interno Bruto regional. A estimativa aproximada do valor económico da produção animal no Norte de Portugal em 2024 é de cerca de 1,6 a 1,7 mil milhões de euros em termos de produção bruta do setor animal.

Por outro lado, a produção animal é uma fonte essencial de emprego, sobretudo em territórios rurais e de baixa densidade populacional, onde existem poucas alternativas económicas. Muitas explorações funcionam em regime familiar, garantindo rendimento a milhares de agregados. Para além do emprego direto, gera emprego indireto em áreas como a indústria agroalimentar, serviços veterinários, fornecimento de rações e equipamentos, transporte e comercialização. Deste modo, a atividade pecuária contribui para a coesão social e territorial, ajudando a travar o despovoamento rural.

No Norte de Portugal, a produção animal está fortemente ligada ao território e à paisagem. Os sistemas extensivos e semiextensivos aproveitam pastagens naturais e recursos endógenos para além de manterem a ocupação do solo agrícola, contribuem para a prevenção de incêndios, a conservação da paisagem rural e manutenção da biodiversidade vegetal e animal.

Esta ligação entre produção animal e território reforça a economia local e a identidade regional.

A produção animal é a base de importantes fileiras agroindustriais, como são os laticínios, as carnes e enchidos tradicionais.

As indústrias de produtos transformados com certificação de origem continuam a ter um peso relevante na balança comercial agroalimentar e na afirmação de produtos do Norte em mercados nacionais e internacionais.

A produção animal contribui para a autossuficiência alimentar nacional, reduzindo a dependência de importações de produtos de origem animal. Em contextos de instabilidade económica e geopolítica, esta função estratégica assume maior importância.

Apesar dos desafios, a produção animal no Norte apresenta potencial de crescimento económico através da inovação tecnológica e digital, da produção sustentável e de qualidade, da valorização de produtos certificados, biológicos e tradicionais, da articulação com o turismo gastronómico e rural.

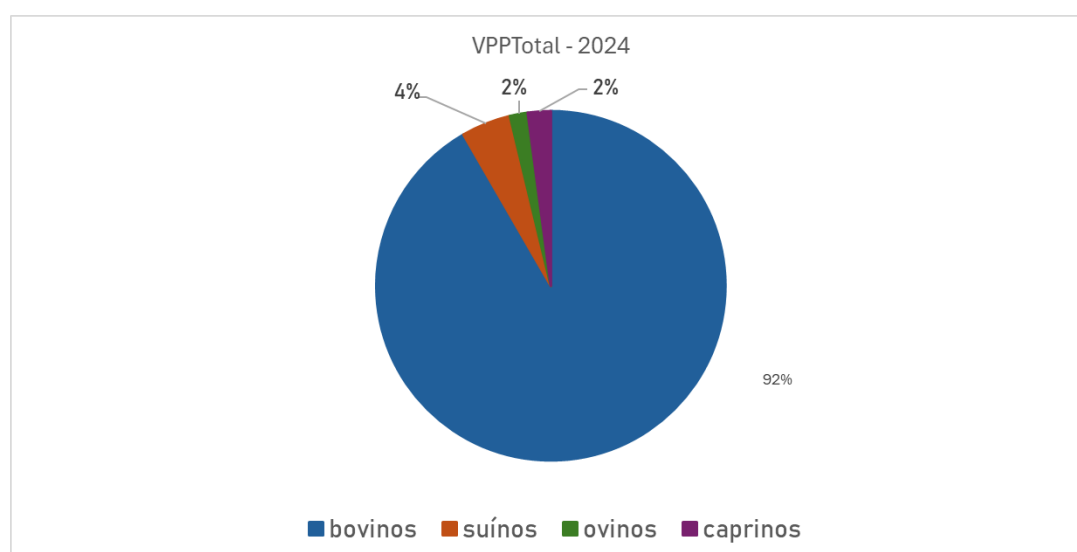
A continuidade e modernização desta fileira são fundamentais para o desenvolvimento sustentável da região e para a vitalidade do mundo rural.

Para analisar a atividade económica da região utilizámos o valor padrão produção (VPP) para cada categoria dos bovinos, ovinos, caprinos e suínos. Para os coelhos como o INE não determinou o efetivo para o ano de 2024, não foi possível obter o cálculo do respetivo VPP. O valor total de cada espécie para toda a região Norte, é o resultado da multiplicação do efetivo animal pelo VPP de cada categoria somando depois o VPPT para cada espécie animal.

Assim, constatámos que o VPP da produção animal diminuiu, (-10%) em 2024 por comparação com 2023.

Na figura 1 apresentamos a repartição do VPP por espécie animal para o ano de 2024.

Figura 1 – Composição do VPP animal por espécie



Em comparação com o ano passado verificamos que no contexto global da produção animal a importância relativa dos bovinos aumentou (+0.9%) assim como a dos suínos (+1.0%) sendo que o valor económico dos ovinos diminuiu (-1.8%).

4.5.3. Rendimento da atividade para o criador na campanha 2024

De acordo com o INE no seu relatório das contas cultura da agricultura, no conjunto da produção animal, em 2024 verificou-se um aumento do volume físico agregado de 3,5%, acompanhado de uma redução nos preços de base de -3,4%, resultando numa

estabilização do Valor da Produção Padrão (VPP). Em termos de rendimento real por Unidade de Trabalho Anual (UTA), esta combinação sugere uma manutenção do poder económico da exploração, apesar das flutuações de preços.

Para os bovinos, estima-se um aumento do volume de produção de 5,3%, devido principalmente ao aumento do abate de bovinos adultos, especialmente novilhos. Este fenómeno está relacionado com restrições às exportações de animais vivos para Israel, motivadas por razões sanitárias e geopolíticas, que conduziram ao deslocamento da oferta para o mercado interno português. O preço médio de referência deverá manter-se semelhante ao de 2023, refletindo estabilidade relativa no mercado interno. O impacto económico traduz-se num VPP elevado para o segmento bovino, mantendo o rendimento por UTA próximo dos níveis do ano anterior.

No que concerne à produção de leite, prevê-se uma redução marginal no volume produzido (-0,9%), acompanhada de uma diminuição mais significativa nos preços médios (-7,5%). Para efeitos de comparação temporal, no ano de 2023 observou-se um incremento expressivo de 17,0%, refletindo tanto variações na quantidade produzida quanto no valor de mercado. Estes dados sugerem uma correção no mercado lácteo, possivelmente associada a ajustes na oferta, flutuações nos custos de produção e alterações nas condições de mercado a nível nacional e regional.

No segmento dos suínos, projeta-se um incremento do volume de produção de 5,2%, associado ao aumento do abate de porcos de engorda. Apesar do aumento da produção, os preços de referência deverão reduzir-se em 6,8%, pressionados pelo equilíbrio entre oferta e procura. Consequentemente, o VPP deste segmento poderá sofrer ligeira redução, embora o efeito no rendimento por UTA seja mitigado pelo aumento da produção física.

Para ovinos e caprinos, prevê-se um aumento substancial da produção em volume de 15,0%, suportado pelo incremento dos abates em peso limpo, sobretudo de borregos. Este acréscimo decorre parcialmente das restrições de exportação de bovinos, que alteraram a dinâmica de mercado para estes segmentos. Os preços de base apresentam um aumento de 20,6%, em grande parte devido a subsídios ao produto mais elevados, o que se traduz num VPP significativamente maior e num rendimento por UTA reforçado, aumentando a rentabilidade relativa deste setor.

No caso das aves de capoeira, estima-se um incremento do volume de produção de 5,5%, associado a uma maior produção de frango e peru, cuja produção em 2023 foi afetada por problemas sanitários relevantes. Os preços de referência diminuem ligeiramente (-2,9%), refletindo o aumento da oferta. O VPP e o rendimento por UTA

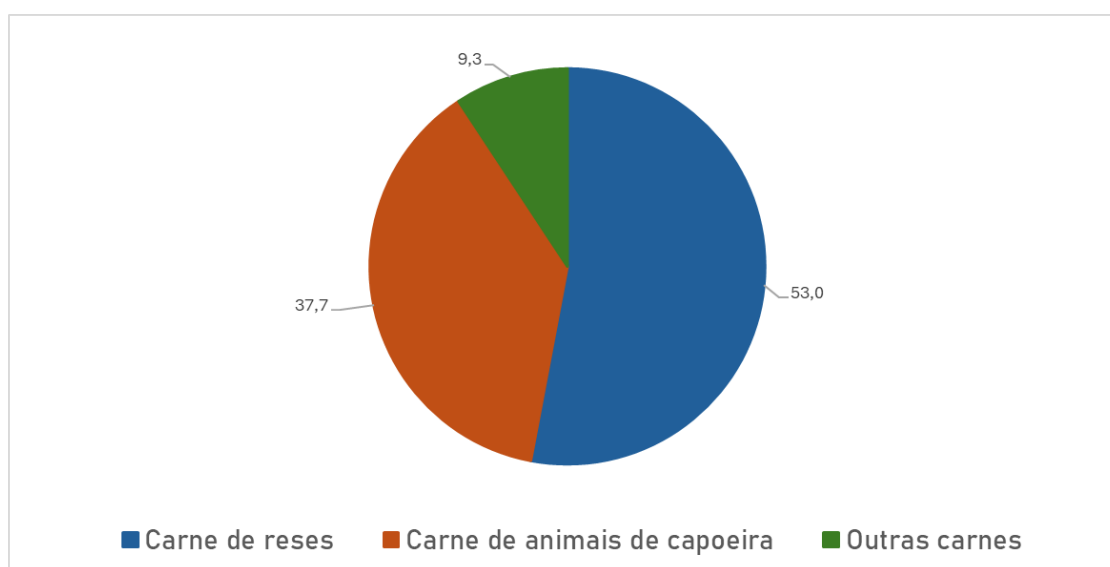
deste segmento deverão, portanto, estabilizar-se, beneficiando da recuperação da produção após o impacto sanitário anterior.

Analisando os VPP como indicador técnico-económico verificamos que para os bovinos o VPP diminuiu (-4%) em relação a 2023. Já nos ovinos houve um aumento (+20%) do VPP, nos caprinos o aumento (+1%) foi menor e nos suínos o aumento (+150%) do VPP foi o maior verificado em relação a 2023.

4.6. Área, produção e produtividade

As estatísticas oficiais (INE), demonstram que em 2024 houve um aumento da produção de carne na região Norte (+3%) por comparação com 2023.

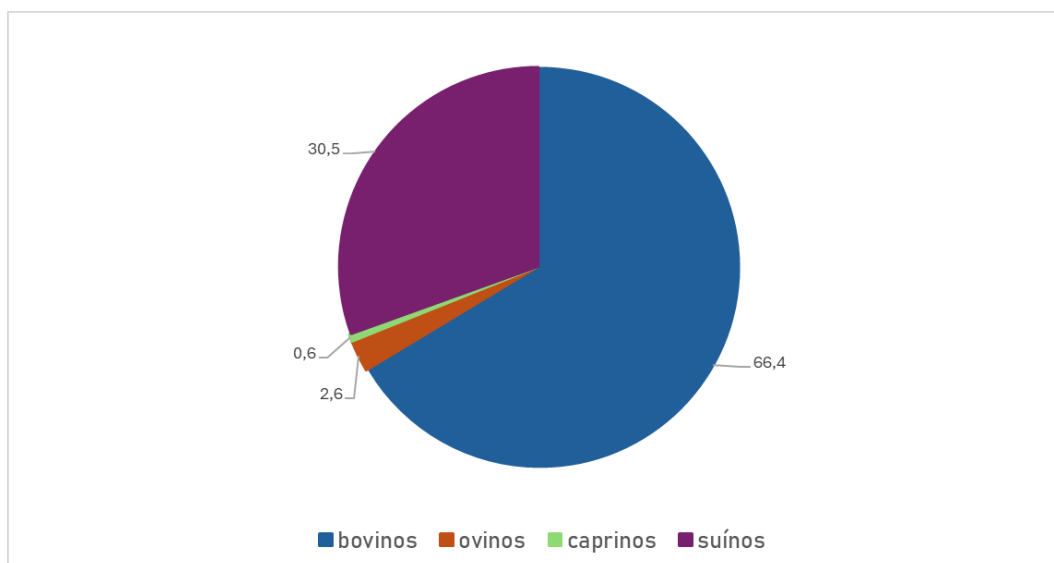
Figura 2 – Importância relativa do tipo de produção de carnes no Norte de Portugal.



Legenda: carne de reses= bovinos, ovinos, caprinos, suínos. Carne de animais de capoeira= galináceos, peru, pato, outras. Outras carnes= caça, coelho, pombo, codorniz, outras.
Fonte INE, estatísticas da produção animal.

De um total de 71968 toneladas produzidas no Norte, discriminando por espécies de ruminantes e suínos, a partição da importância relativa está ilustrada na figura 3.

Figura 3 – Importância relativa da produção de carne por espécie animal



Por comparação com o ano de 2023 a produção de carne de bovino diminuiu (-1%) assim como a produção de carne de caprino que diminuiu -4%. Por outro lado, a produção de carne de ovinos aumentou (+7%) e a carne de suínos foi a que teve um maior aumento (14%).

No norte de Portugal localiza-se a produção de leite de vaca na chamada bacia leiteira do Minho onde os concelhos de Barcelos, Famalicão e Vila do Conde que se espraia para zonas limítrofes como sejam os concelhos de Guimarães e Esposende, assumem maior relevância.

A produção total de leite no norte de Portugal diminuiu (-2%) em relação a 2023 sendo o leite de vaca nitidamente o mais importante representando 98% do total de leite do Norte tendo o leite de ovelha e o leite de cabra uma expressão relativa residual representando cada uma, apenas 1% do volume total.

Em termos de produção de leite, a média de produção do top 20 das explorações, está acima dos 12700 litros de leite por vaca e por lactação (305 dias).

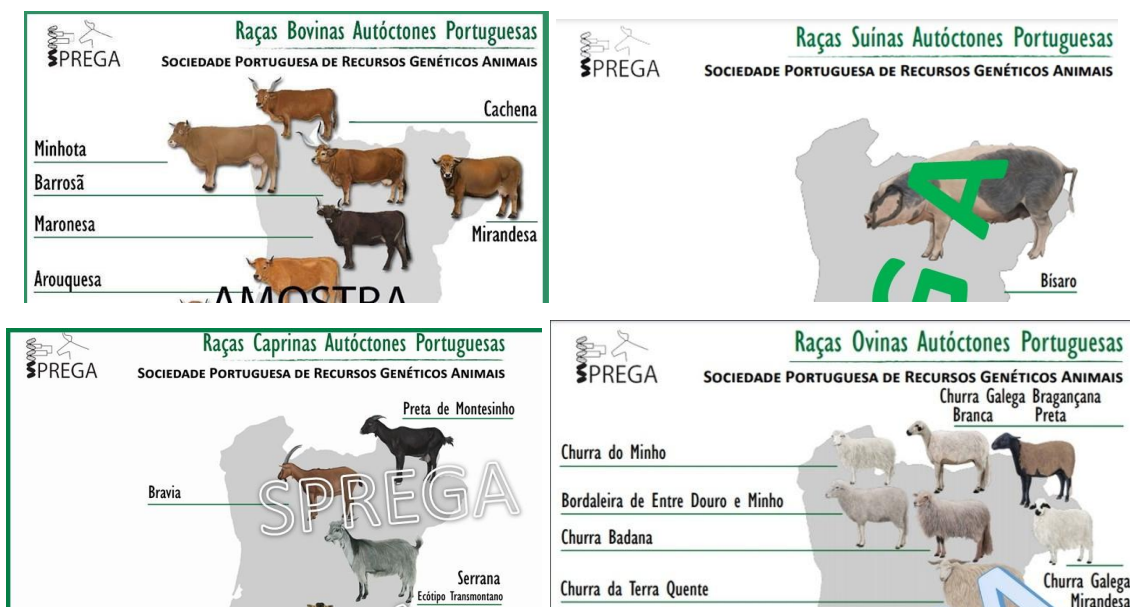
As raças autóctones têm definidos os seus solares de produção bem definidos que se podem visionar a sua localização geográfica na figura 4.

Contudo os dados da produção de carne por raça autóctone, disponíveis publicamente para consulta, estão desatualizados e inexistentes relativamente ao ano de 2024. Os dados mais recentes e disponibilizados para consulta pública são de 2019.

Todas as raças autóctones de bovinos, ovinos e caprinos e suínos têm denominação de origem protegida pelo que cada uma delas tem o seu caderno de especificações onde estão balizados o peso vivo ou peso carcaça permitido por categoria animal. Assim,

apenas se poderá comparar a produtividade de um qualquer animal de uma qualquer raça autóctone apenas em função do número de dias que um animal X atingiu o peso vivo permitido pelo caderno de especificações.

Figura 4 – Solares de produção das raças autóctones do norte de Portugal



Fonte: SPREGA.

O concelho de Vila Nova de Famalicão está associado á indústria de transformação de carne de porco.

A produção de pequenos ruminantes tem uma maior relevância nas zonas de montanha e planalto do Norte de Portugal, nomeadamente em Trás-os-Montes.

A produtividade da produção animal é muito variada e depende de fatores genéticos onde raças com melhor conversão alimentar, crescimento mais rápido e maior produção de leite são mais produtivas. A alimentação animal é outro grande fator de variação na produtividade animal pois terá de satisfazer as necessidades alimentares do genótipo animal, isto é, um animal de uma elevada estirpe genética poderá não exprimir todo o seu potencial se não tiver a alimentação adequada. Do mesmo modo o manejo e as condições de exploração poderão condicionar a produtividade de um animal, nomeadamente as condições de bem-estar animal. A saúde animal associada às condições ambientais, são determinantes no sucesso de uma exploração de criação animal. Os condicionalismos de ordem económica e financeira podem ter impacto muito negativo no sucesso da exploração animal, nomeadamente as políticas públicas dos

subsídios e prémios á produção são fundamentais em muitos casos á sobrevivência de determinados sistemas de criação animal.

A variação da produtividade animal é diversificada entre animal e entre explorações e pode variar entre os ciclos produtivos de cada espécie.

5. Comercialização

5.1. Calendário

Para as espécies bovina, suína, ovina e caprina há disponibilização da informação do preço ao produtor no SIMA ao longo de todo o ano civil. Para as aves, ovos e leite e lacticínios não há informação discriminada para a região Norte.

5.2. Oferta vs procura

O SIMA (Sistema de Informação de Mercados Agrícolas), gerido pelo *Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral* (GPP), recolhe semanalmente preços e informações sobre oferta e procura nas cadeias pecuárias, com dados segmentados por áreas de mercado, para o Entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Região Norte.

Os boletins semanais do SIMA para o setor bovino indicam que, na área de mercado do Entre Douro e Minho a oferta e a procura mantiveram-se constantes ao longo de várias semanas de 2024, refletindo um mercado relativamente equilibrado quanto à quantidade de animais disponíveis e à sua procura pelos matadouros/operadores.

No entanto, verificou-se que a concorrência de importações provenientes de Espanha, com oferta por vezes a preços competitivos, influenciou a disponibilidade do produto local e reduziu marginalmente a procura interna por animais nacionais. As cotações médias de novilhos e novilhas cruzados mantiveram-se estáveis ao longo de vários meses, apontando para um equilíbrio moderado entre oferta e procura.

No contexto pecuário, “oferta” refere-se à disponibilidade de animais para abate, e “procura” é a necessidade de matadouros, indústria e comércio. Em 2024 no Norte a oferta foi razoável, sem picos extremos de escassez. A procura ajustou-se ao nível de produção disponível, com preços relativamente estáveis ao longo do ano. A presença de oferta importada reforçou a concorrência, influenciando a decisão dos operadores no Norte. Em conclusão, o mercado da carne de bovino no Norte em 2024 apresentou um equilíbrio relativo entre oferta e procura, mas com influência de uma leve concorrência externa (importações) que limitou o aumento do preço do produto local.

Na fileira do porco, os dados do SIMA mostram que, para o ano de 2024 as cotações médias nacionais para o porco classe E e classe S no mercado do Entre Douro e Minho

registaram ligeiras variações ao longo do ano, com pequenas flutuações em determinados momentos. Os preços de leitões e suínos adultos indicam um mercado relativamente estável, sem grandes ruturas entre oferta e procura no mercado regional do Norte.

A procura por suínos tende a ser alta e regular, devido ao papel da carne de porco na dieta dos Portugueses e também devido à sua utilização pela indústria da transformação. É sensível ao preço de mercado e aos custos de alimentação (principal custo para os produtores). A indústria transformadora absorve grande parte da produção. Assim a relação oferta/procura para suínos no Norte em 2024 foi de ajuste permanente, com oferta suficiente para atender à procura da indústria e do comércio, sem grandes insuficiências nem excedentes duradouros. A estabilidade dos preços indica que não houve relações de mercado extremamente desequilibradas.

O mercado dos pequenos ruminantes no Norte de Portugal é afetado por uma sazonalidade em que aumentos pontuais de procura por ovinos e caprinos, na Páscoa e quadras festivas, nomeadamente no Natal, que tendem a sustentar os preços, apesar da fraca oferta verificada. Na carne de ovino a oferta de borregos em Trás-os-Montes (único mercado considerado pelo SIMA) foi muitas vezes fraca a média, dependendo do período do ano. Durante várias semanas a oferta local não foi suficiente, refletindo um efetivo pecuário limitado ou uma menor disponibilidade de animais para abate em períodos específicos. A procura na mesma área de mercado (Terra Fria, Alto Tâmega e Terra Quente) foi média a (relativamente) animada, quando comparada com a oferta. Em períodos do início de 2024, o SIMA regista que a procura foi, por vezes, superior à fraca, o que tende a sustentar ou estabilizar as cotações que tendiam a manter a estabilidade ou registar ligeiras subidas

Relativamente aos caprinos a oferta de cabritos em Trás-os-Montes em 2024 foi também frequentemente classificada como fraca em vários boletins de mercado.

Séries de dados semanais de março a maio, indicam que a oferta foi fraca a média para os cabritos, o que pode ser associado a uma diminuição dos efetivos.

A procura por cabritos na região foi suficiente para absorver a oferta existente sem ter havido queda acentuada dos preços.

A relação (oferta fraca vs. procura média) reflete a estabilidade das cotações.

5.3-Circuitos de comercialização

A produção animal no norte de Portugal recorre a diversos circuitos de comercialização, que coexistem e se complementam, refletindo a diversidade de

sistemas produtivos, a dimensão das explorações e as exigências do mercado. Estes circuitos podem ser agrupados em convencionais (longos) e alternativos (curtos ou de proximidade). Os circuitos longos ou convencionais são os mais utilizados pelas explorações de média e grande dimensão e caracterizam-se pela existência de vários intermediários. Na indústria agroalimentar o leite é entregue a cooperativas ou diretamente a indústrias de lacticínios. Os animais vivos (bovinos, suínos, aves) são vendidos a matadouros e unidades de transformação. As cooperativas agrícolas e pecuárias são muito relevantes no Norte, sobretudo no setor leiteiro em que funcionam como intermediárias na recolha, transformação e comercialização, garantindo escoamento regular da produção.

A grande distribuição e as cadeias de supermercados comercializam carne, leite e derivados após transformação industrial em que impõem padrões rigorosos de qualidade, certificação e volume, o que dificulta o acesso de pequenos produtores individuais.

Os circuitos curtos de comercialização têm vindo a ganhar importância em 2024, sobretudo para pequenas explorações e produções diferenciadas. A comercialização de carne, ovos, leite cru (quando permitido) e produtos transformados diretamente na exploração permite maior valorização do produto pela redução de intermediários.

Os mercados locais e as feiras tradicionais estão muito presentes no Norte de Portugal e são muito importantes para os pequenos produtores de aves, ovinos, caprinos e produtos artesanais.

Os cabazes e venda por encomenda são sistemas de entrega direta ao consumidor final, muitas vezes associados à produção local e sustentável em que utilizam as redes sociais e as plataformas digitais para divulgação.

O fornecimento direto a restaurantes, cantinas escolares ou unidades de turismo rural, permitem a valorização dos produtos regionais.

Os produtos com certificação DOP e IGP, associados à qualidade, origem e métodos de produção, são comercializados em lojas especializadas, mercados gourmet e exportação.

Os produtos da agricultura biológica têm circuitos mais curtos em que os consumidores estão dispostos a pagar preços superiores.

Há também iniciativas locais ou cooperativas que promovem a identidade territorial dos produtos animais do Norte.

A Comercialização digital em crescimento em 2024 através de plataformas online e redes sociais é utilizada para venda direta, promoção e fidelização de clientes e são

especialmente relevantes para jovens agricultores e pequenas explorações inovadoras.

Resumindo em 2024, a produção animal no norte de Portugal utiliza uma combinação de circuitos tradicionais e alternativos, sendo que os circuitos longos continuam dominantes em volume, enquanto os circuitos curtos e diferenciados assumem um papel crescente na valorização económica, social e territorial da produção pecuária regional.

5.4- Evolução das cotações

Para maior facilidade de leitura e análise vamos separar a evolução das cotações semanais ao longo do ano por espécie e por categoria animal, consideradas no SIMA.

Bovinos

Categoria “vaca”

Esta categoria tem três diferentes níveis: vaca para abate, vaca refugo e vaca reprodutora onde pontuam diferentes fenótipos em diferentes mercados.

A “vaca abate” do fenótipo Barrosã no mercado do EDM apresenta sempre a mesma cotação ao longo de todo o ano com o valor de 3.3€/Kg PC enquanto a cotação do fenótipo Turina com o valor de 2.5€/Kg PC também é sempre o mesmo ao longo do ano neste mercado. A “vaca abate” da raça Arouquesa só tem cotação do mercado de Ribadouro e é sempre a mesma ao longo de todo o ano com o valor de 3.6€/Kg PC.

A “vaca refugo” dos fenótipos Barrosã e Turina no mercado do EDM apresentam cotações constantes ao longo de todo o ano com os valores de 1.95€/Kg PC e de 1.7€/Kg PC respetivamente. Por seu lado a “vaca refugo” do fenótipo Arouquesa tem a mesma cotação ao longo do ano com o valor de 2.0€/Kg PC no mercado de Ribadouro enquanto neste mesmo mercado, a “vaca reprodutora” tem uma cotação, constante ao longo do ano, com um valor de 1500€/unidade.

Na figura 5 ilustra-se a variação das cotações da “vaca reprodutora” no mercado do Alto Tâmega para os vários fenótipos aí considerados.

Na figura 6 ilustra-se a variação das cotações da “vaca reprodutora” no mercado da Terra Fria para os vários fenótipos aí considerados.

Figura 5- Cotações da “vaca reprodutora” no mercado do Alto Tâmega.

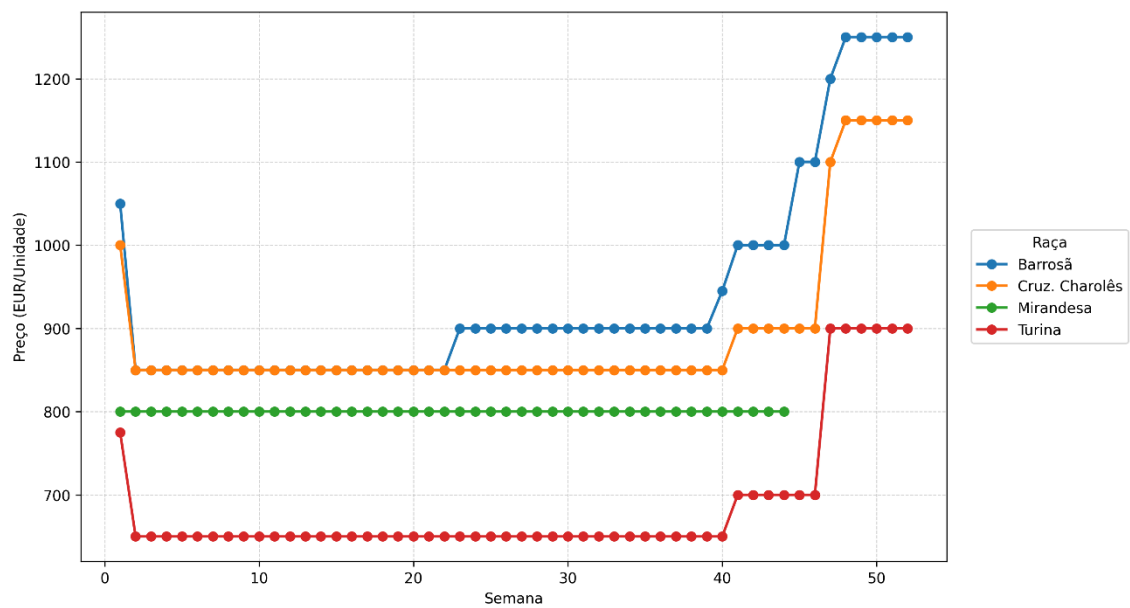
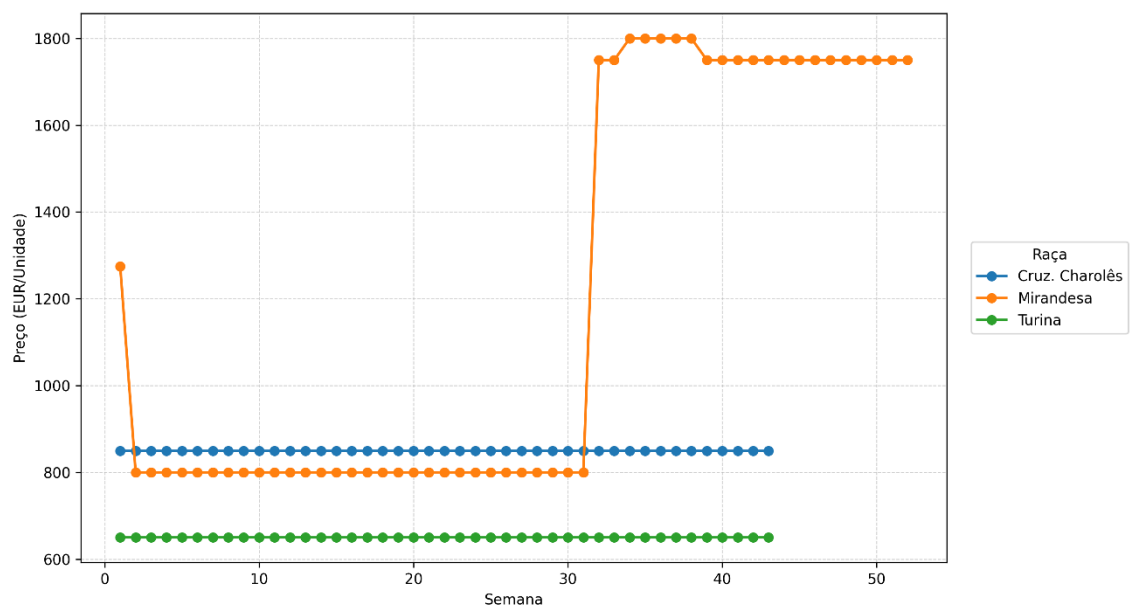


Figura 6- Cotações da “vaca reprodutora” no mercado da Terra Fria.



Dos três níveis considerados no SIMA a “vaca reprodutora” é aquela que mais é valorizada o que evidencia a utilidade deste produto animal numa exploração animal onde o fenótipo Mirandesa atinge o valor mais elevado.

Categoria “novilha”

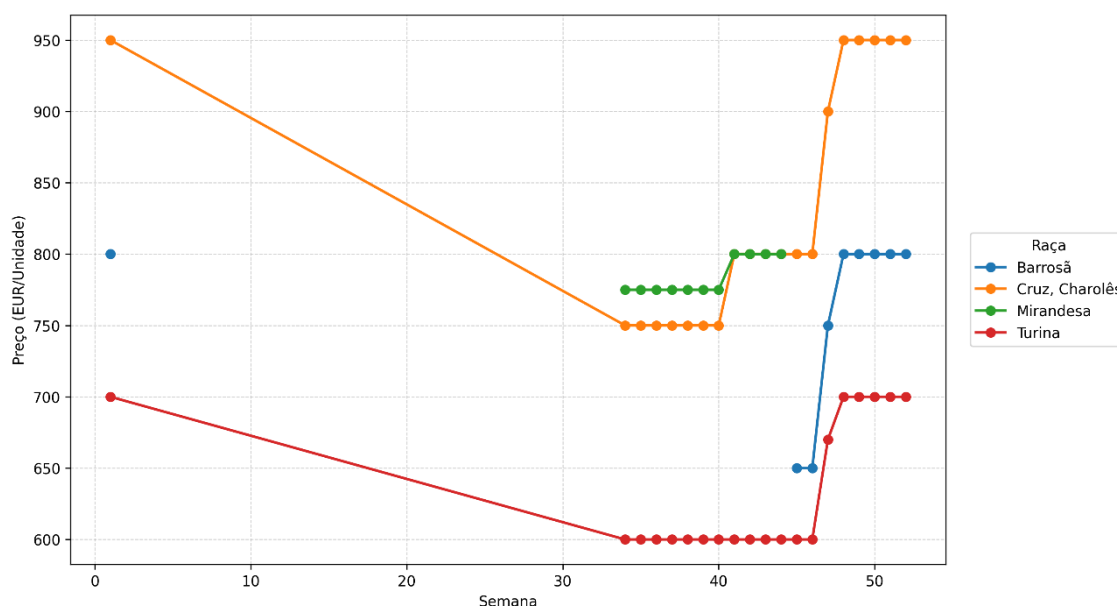
A categoria “novilha” aparece com dois níveis etários diferentes: dos 8 aos 12 meses e dos 12 aos 24 meses sendo que no nível etário dos 8 aos 12 meses as cotações do

mercado são referenciadas á unidade enquanto no nível etário dos 12 aos 24 meses a cotação se refere a quilos de peso de carcaça.

O fenótipo “novilha Mirandesa 8 a 12 meses” apenas tem como mercado a Terra fria onde apresentou sempre o mesmo valor de 1000€/unidade ao longo de todo o ano.

No mercado para as novilhas de 8 a 12 meses, do Alto Tâmega ilustramos na figura 7 as cotações ao longo do ano para os diferentes fenótipos aí considerados.

Figura 7 – Cotações ao longo do ano para novilhas de 8 a 12 meses no mercado do Alto Tâmega.



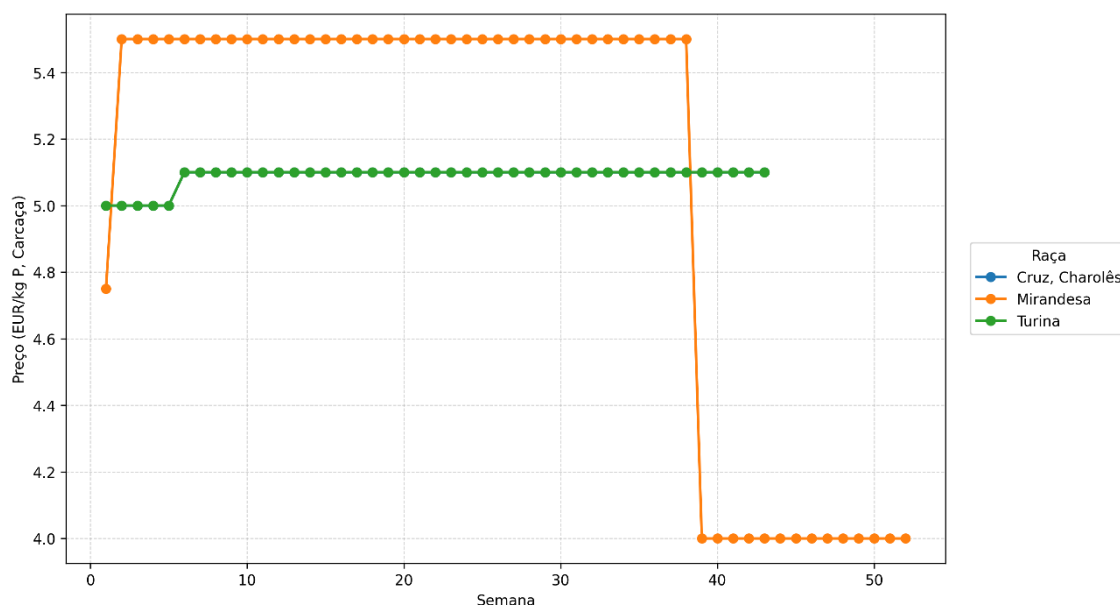
Da observação da figura 5 gostaríamos de salientar que os maiores valores são do fenótipo Cruzado de Charolês que traduzem o seu peso vivo ao abate característico da sua genética por oposição com a Turina que sendo uma raça de leite a produção de carne é um produto secundário. As cotações da raça Barrosã e Mirandesa são semelhantes sendo, contudo, o período de oferta diferente no ano. De assinalar que a “novilha 8 a 12 meses” da raça Mirandesa tem valores diferenciados em função do mercado atingindo valores mais elevados no mercado da terra fria por comparação com o mercado do Alto Tâmega.

O fenótipo Arouquesa, “novilha 12 a 24 meses”, teve cotação apenas no mercado de Ribadouro onde apresentou sempre a mesma cotação no valor de 5.2€/Kg de peso carcaça (PC).

Os fenótipos Galega (Minhota) e Turina “novilha de 12 a 24 meses” tiveram cotação no mercado do EDM onde aquela teve sempre a mesma cotação de 5€/Kg PC e esta a cotação de 4.5€/Kg PC ao longo de todo o ano.

Os fenótipos Turina, Cruzado Charolês e Mirandesa “novilha 12 a 24 meses” no mercado da Terra Fria estão ilustrados na figura 8.

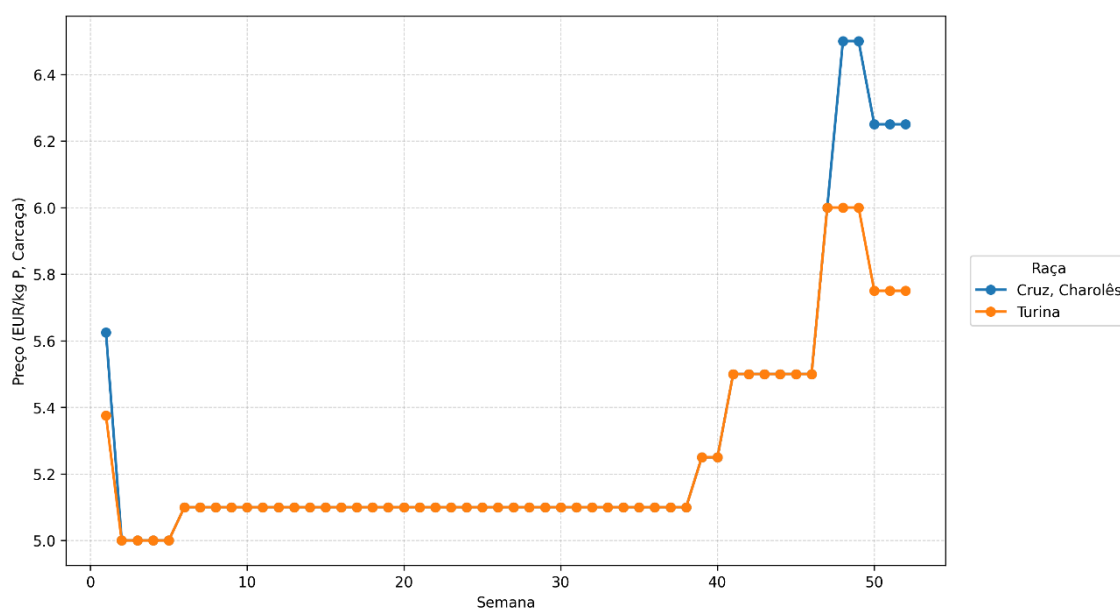
Figura 8- Cotações das novilhas 12 a 24 meses no mercado da Terra Fria



De assinalar que os fenótipos Turina e Cruzado Charolês tiveram a mesma variação e a mesma cotação ao longo do ano de 2024. De salientar a grande variação no preço da “novilha 12 a 24 meses” da raça Mirandesa em que nas últimas semanas do ano tem uma forte diminuição da sua cotação.

Na figura 9 mostra-se as cotações da novilha 12 a 24 meses no mercado do Alto Tâmega.

Figura 9 – Cotações das novilhas 12 a 24 meses no mercado do Alto Tâmega



No mercado do Alto Tâmega é evidente a melhoria das cotações das “novilhas 12 a 24 meses” no fim do ano maiores para o fenótipo Cruzado de Charolês por comparação com o fenótipo Turina.

Categoria “novilho”

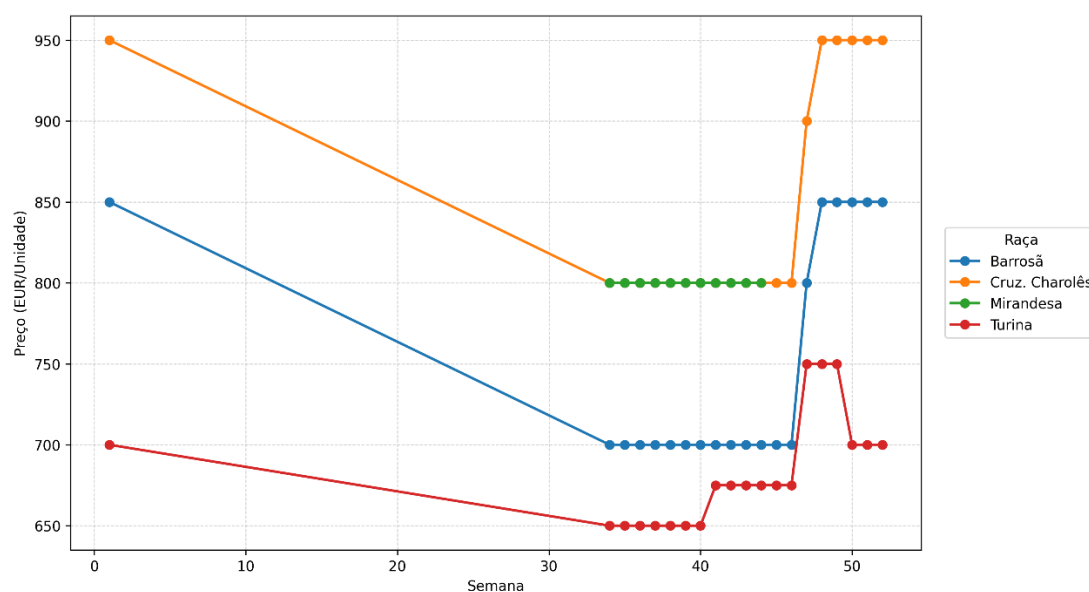
Na categoria novilho à semelhança da novilha existem dois níveis etários “novilho 8 a 12 meses” e “novilho 12 a 24 meses” em que no primeiro a cotação são em €/unidade e no segundo a cotação é em €/Kg peso carcaça (PC).

No mercado do EDM o “novilho 12 a 24 meses” do fenótipo Turino tem sempre a mesma cotação ao longo do ano com o valor de 4.5€/Kg PC enquanto o fenótipo Galego, no mesmo mercado, tem a cotação de 5.1€/Kg PC que se mantém constante ao longo de todo o ano. A raça Arouquesa “novilho 12 a 24 meses” apresenta também sempre a mesma cotação ao longo de todo o ano no valor de 5.3€/Kg PC no mercado de Ribadouro.

Na figura 10 apresenta-se as cotações do “novilho 8 a 12 meses” para os fenótipos considerados no mercado do Alto Tâmega.

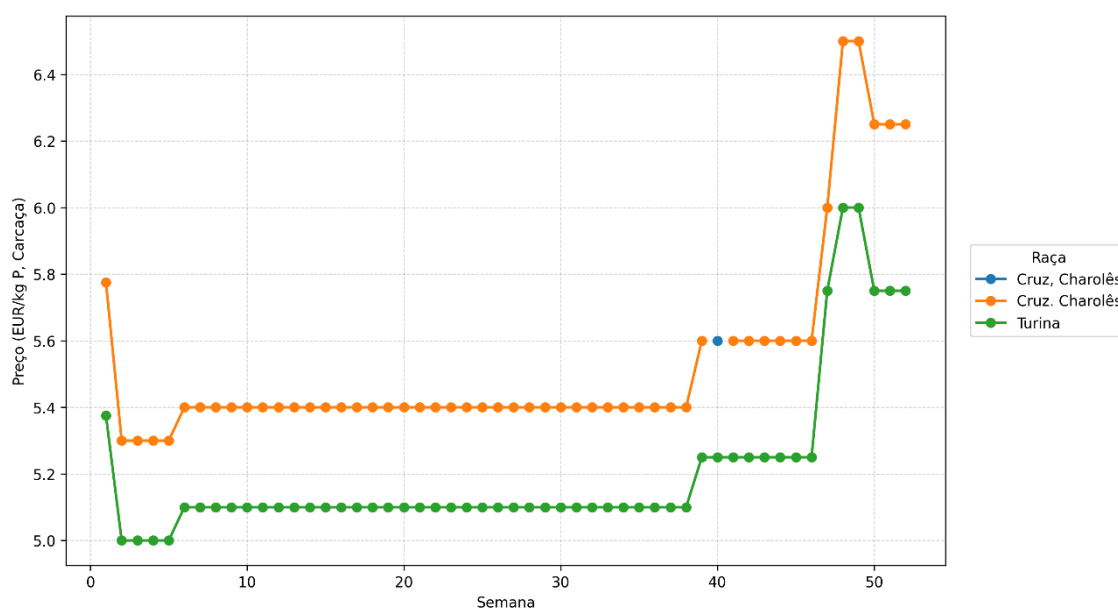
A variação das cotações ao longo do ano para os diferentes fenótipos são em tudo idênticos, inclusive os valores das cotações, aos verificados para a “novilha 12 a 24 meses” no mesmo mercado (ver figura 5).

Figura 10 – Cotações do “novilho 8 a 12 meses” no mercado do Alto Tâmega



Na figura 11 ilustra-se a variação das cotações ao longo do ano para os diferentes fenótipos considerados no mercado do Alto Tâmega, na categoria “novilho 12 a 24 meses”.

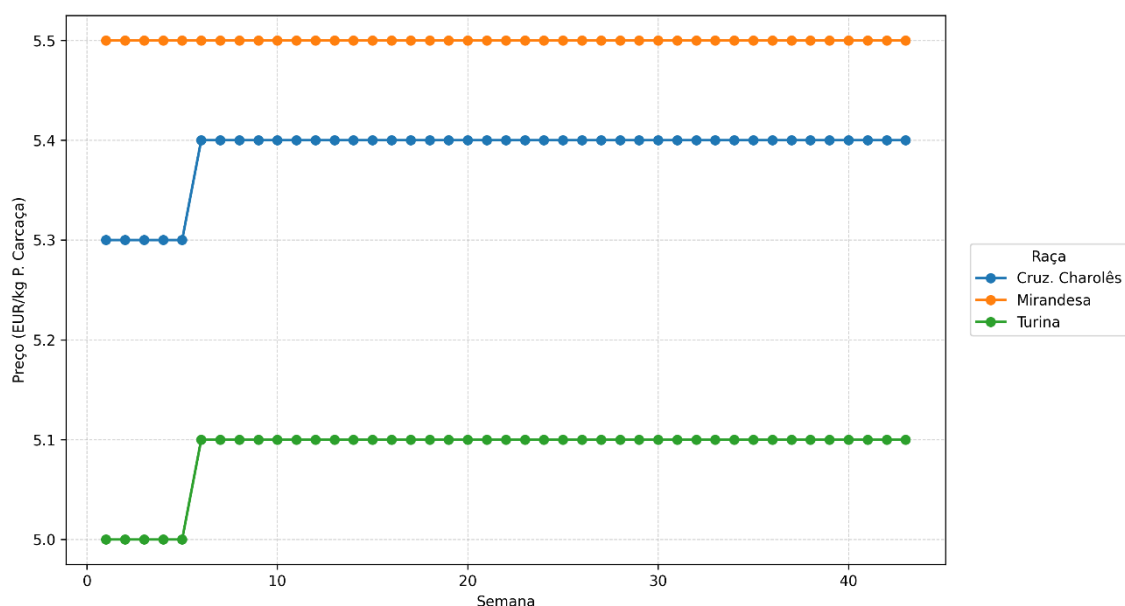
Figura 11 – Cotações do “novilho 12 a 24 meses” no mercado do Alto Tâmega



Mais uma vez a variação das cotações é em tudo idêntica á verificada para as “novilhas de 12 a 24 meses” considerando o mesmo mercado.

Na figura 12 ilustra-se a variação das cotações ao longo do ano para os diferentes fenótipos considerados no mercado da Terra Fria na categoria “novilho 12 a 24 meses”.

Figura 12 – Cotações do “novilho 12 a 24 meses” no mercado da Terra Fria



Categoria “vitela”

Esta categoria de “vitela” tem três níveis diferenciados: vitela recém-nascida, vitela com menos de 3 meses e vitela entre os 3 e os 6 meses todos eles se expressam em €/unidade.

Nas tabelas 6, 7 e 8 apresenta-se a variação das cotações para cada um daqueles níveis na categoria “vitela”.

Tabela 6 – Cotações da “vitela recém -nascida”

Raça	Mercado	Preço máximo (€)	Preço mínimo (€)	Moda do preço (€)
Turina	Alto Tâmega	150	100	100
Turina	EDM	125	125	125
Turina	Terra Fria	75	75	75

Tabela 7 – Cotações da “vitela < 3 meses”

Raça	Mercado	Preço máximo (€)	Preço mínimo (€)	Moda do preço (€)
Galega	EDM	320	320	320
Turina	EDM	180	180	180
Arouquesa	Ribadouro	375	375	375

Numa breve análise verifica-se que o valor da cotação varia em função do mercado (ver tabela 6). A oferta é muito mais diversificada no nível “vitela 3 a 6 meses” já que o

número de fenótipos é consideravelmente maior. Regra geral as raças autóctones são mais bem valorizadas por comparação com os outros fenótipos.

Tabela 8 – Cotações da “vitela 3 a 6 meses”

Raça	Mercado	Preço máximo (€)	Preço mínimo (€)	Moda do preço (€)
Barrosã	Alto Tâmega	550	450	450
Cruz. Charolês	Alto Tâmega	550	475	525
Mirandesa	Alto Tâmega	675	550	675
Turina	Alto Tâmega	500	450	450
Galega	EDM	510	510	510
Turina	EDM	330	330	330
Arouquesa	Ribadouro	525	525	525
Cruz. Charolês	Terra Fria	525	525	525
Mirandesa	Terra Fria	750	600	750
Turina	Terra Fria	500	500	500

Categoria “vitelo”

Também nesta categoria existem 3 níveis diferentes e iguais á categoria “vitela”: recém-nascido, vitelo<3 meses e vitelo 3 a 6 meses. Nas três tabelas seguintes 9, 10 e 11 apresenta-se a variação de cotações verificada ao longo do ano de 2024 em função do mercado.

Tabela 9 – Cotações do “vitelo recém-nascido”

Raça	Mercado	Preço máximo (€)	Preço mínimo (€)	Moda do preço (€)
Cruz. Charolês	Alto Tâmega	200	120	120
Turina	Alto Tâmega	150	100	100
Turina	EDM	75	75	75
Cruz. Charolês	Terra Fria	100	100	100
Turina	Terra Fria	75	75	75

Tabela 10 – Cotações do “vitelo < 3 meses”

Raça	Mercado	Preço máximo (€)	Preço mínimo (€)	Moda do preço (€)
Galega	EDM	250	250	250
Turina	EDM	130	130	130
Arouquesa	Ribadouro	325	325	325

Tabela 11 – Cotações do “vitelo 3 a 6 meses”

Raça	Mercado	Preço máximo (€)	Preço mínimo (€)	Moda do preço (€)
Barrosã	Alto Tâmega	600	450	450
Cruz. Charolês	Alto Tâmega	650	530	630
Mirandesa	Alto Tâmega	725	575	725
Turina	Alto Tâmega	550	520	520
Galega	EDM	450	450	450
Turina	EDM	250	250	250
Arouquesa	Ribadouro	475	475	475
Cruz. Charolês	Terra Fria	750	750	750
Mirandesa	Terra Fria	750	750	750
Turina	Terra Fria	600	600	600

Categoria “vitelão”

Na categoria vitelão há uma diferenciação em função do sexo do animal. Nas duas tabelas seguintes 12 e 13 apresenta-se a variação das cotações para o vitelão fêmea e macho de 8 a 12 meses ao longo do ano.

Tabela 12 – Cotações para o “vitelão fêmea 8 a 12 meses”

Raça	Mercado	Preço máximo (€)	Preço mínimo (€)	Moda do preço (€)
Barrosã	Alto Tâmega	750	550	550
Cruz. Charolês	Alto Tâmega	900	700	700
Mirandesa	Alto Tâmega	800	750	775
Turina	Alto Tâmega	750	550	550
Galega	EDM	550	550	550
Turina	EDM	480	480	480
Arouquesa	Ribadouro	590	590	590
Cruz. Charolês	Terra Fria	750	700	700
Mirandesa	Terra Fria	775	750	775
Turina	Terra Fria	725	725	725

Há fenótipos que estão associados a mercados específicos como é o caso da Arouquesa que é exclusiva do mercado de Ribadouro. Por outro lado, há mercados em que são consideradas quase todas as categorias de animais como é o caso do mercado da Terra Fria e do Alto Tâmega.

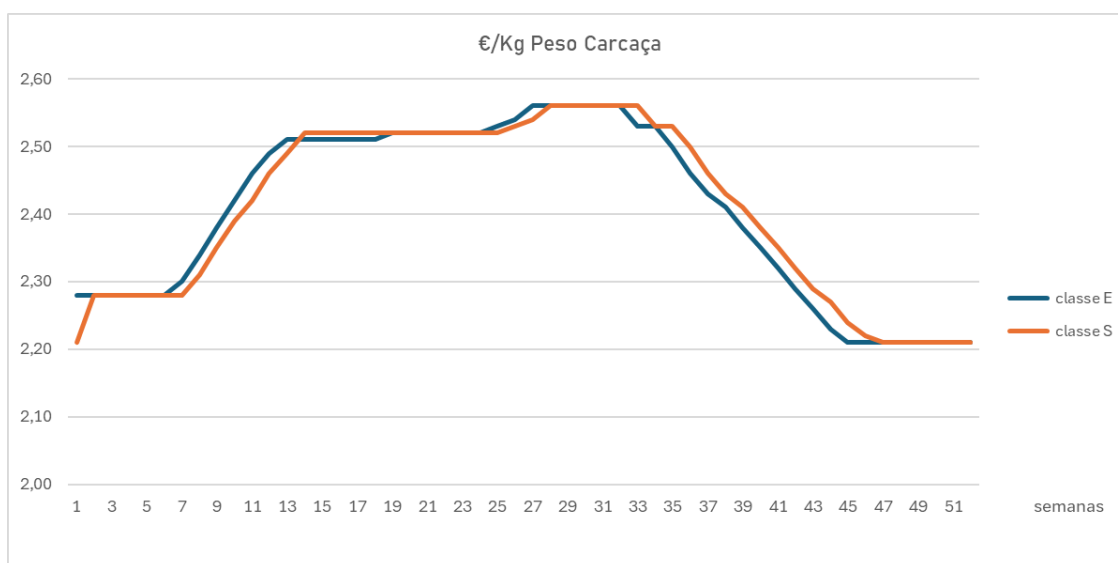
Tabela 13 – Cotações para o “vitelão macho 8 a 12 meses”

Raça	Mercado	Preço máximo (€)	Preço mínimo (€)	Moda do preço (€)
Barrosã	Alto Tâmega	800	650	650
Cruz. Charolês	Alto Tâmega	950	750	750
Mirandesa	Alto Tâmega	800	750	800
Turina	Alto Tâmega	750	600	625
Galega	EDM	540	540	540
Turina	EDM	500	500	500
Arouquesa	Ribadouro	610	610	610
Cruz. Charolês	Terra Fria	800	750	750
Mirandesa	Terra Fria	800	800	800
Turina	Terra Fria	700	700	700

Suínos

Nos suínos é apenas considerado o mercado do Entre Douro e Minho e a categoria “porco” cuja evolução da moda do preço se ilustra na figura 13.

Figura 13 – Evolução da moda do preço do “porco” no mercado do EDM



A classificação do “porco” como classe S é atribuída para a carcaça com um conteúdo de carne magra de 60% ou mais do peso em carcaça e como classe E para uma carcaça com conteúdo de carne magra superior a 55%, mas inferior a 60% do peso em carcaça. Nesta espécie é notória a grande variação da moda do preço ao longo do ano sendo notória uma quebra do preço no inverno onde tradicionalmente ocorre a “matança do porco” que ocorre em casa dos agricultores. É também neste período do ano que ocorrem as feiras de enchidos e fumeiro que têm lugar um pouco por todo o Norte de Portugal. A variação do preço é igual para ambas as classes de classificação das carcaças E e S com muito ligeiras diferenças.

Caprinos

Para os caprinos são considerados os mercados do Alto Tâmega, Terra Fria e Terra Quente da sub-região de Trás-os-Montes e são consideradas três categorias diferentes de animais: “bode”, “cabra” e “cabrito”.

Na espécie caprina temos diversos produtos que são cotados em €/unidade, bode reprodutor, cabra de refugo e cabra reprodutora e apenas um produto que é cotado em €/Kg de peso vivo que é o “cabrito com menos de 10kg”.

De modo a evidenciar a influência do mercado no valor das cotações apresenta-se nas figuras 14, 15 e 16 as cotações dos vários produtos animais da espécie caprina, por fenótipo, para cada um dos mercados considerados.

Figura 14- Cotações no mercado do Alto Tâmega para os produtos da espécie caprina.

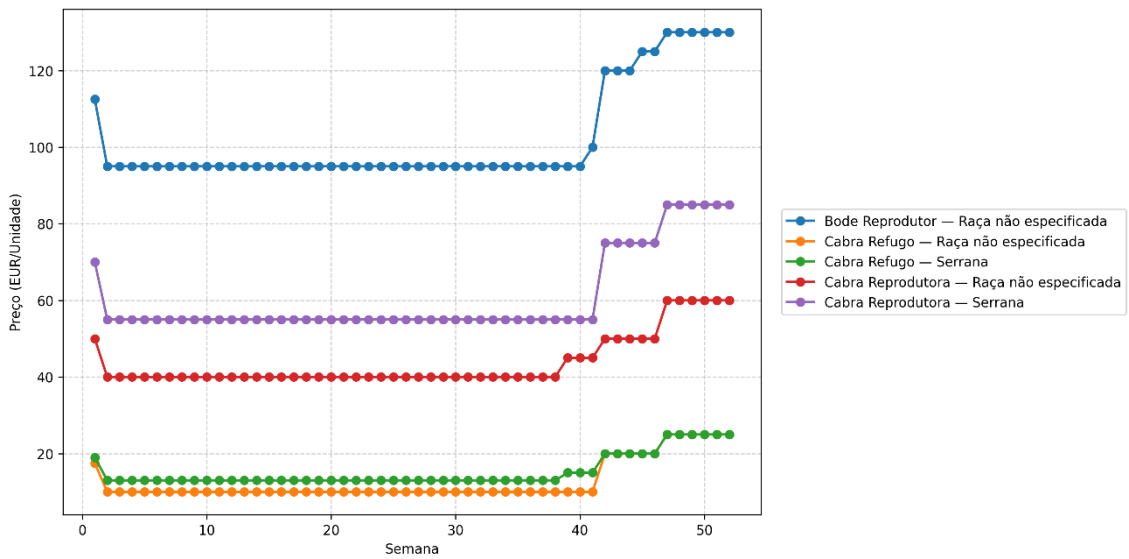


Figura 15 - Cotações no mercado da Terra Fria para os produtos da espécie caprina.

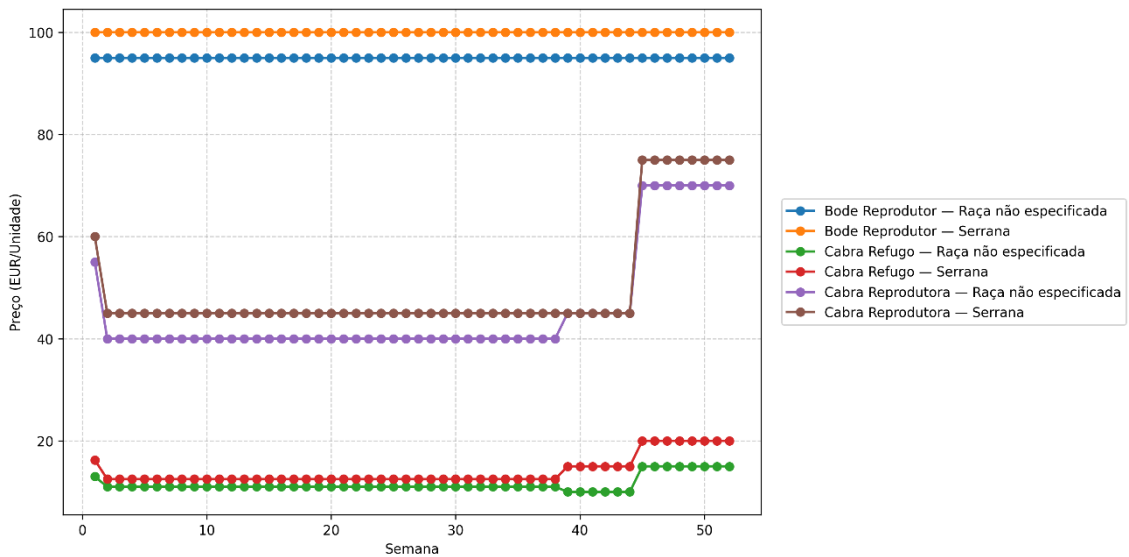
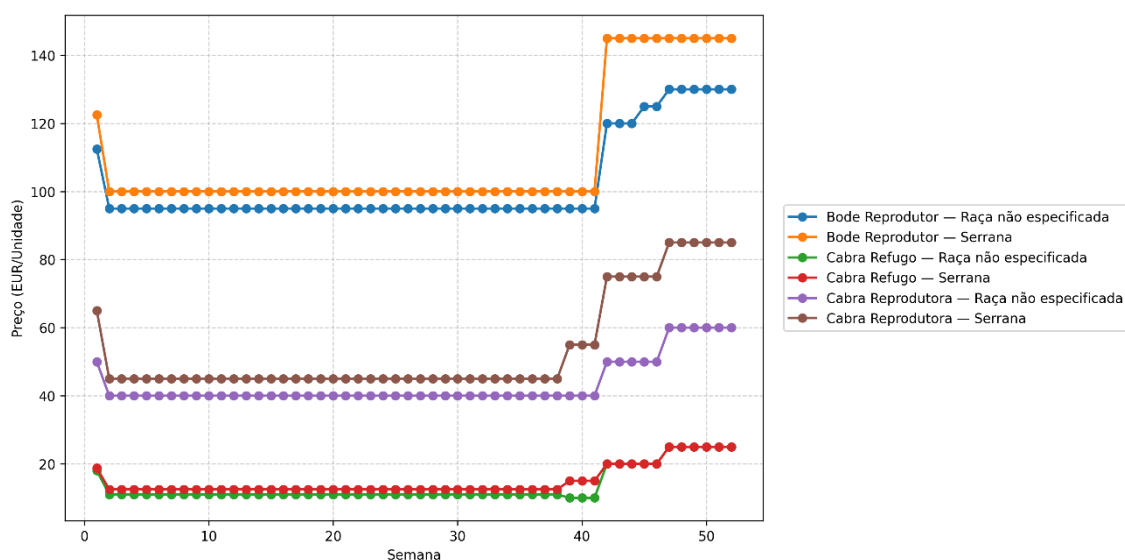


Figura 16 – Cotações no mercado da Terra Quente para os produtos da espécie caprina.



Salienta-se que a variação das cotações ao longo do ano são muito idênticas entre os diversos produtos, ainda que com cotações diferentes que variam com o produto considerado. De notar que no mercado da Terra Fria (figura 15) as cotações da categoria “bode” são constantes ao longo do ano. Verifica-se um aumento do valor de todos os produtos animais a partir da semana 40 (setembro) que traduz a sazonalidade da procura destes animais que tradicionalmente acontecem no Natal. Outra evidência que se pode observar nestes gráficos é que os produtos de fenótipos locais (raça Serrana) atingem maiores cotações por comparação com fenótipos não especificados.

Nas figuras 17, 18 e 19 apresenta-se as cotações para o “cabrito<10Kg PV” para os três mercados de Trás-os-Montes.

Figura 17 – Cotações do “cabrito<10 Kg PV” no mercado do Alto Tâmega

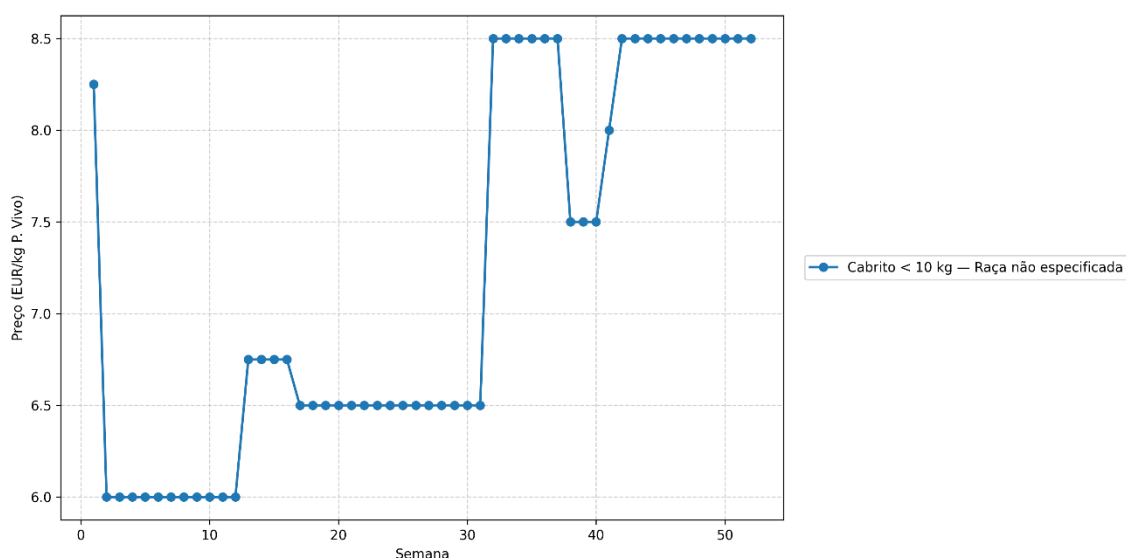
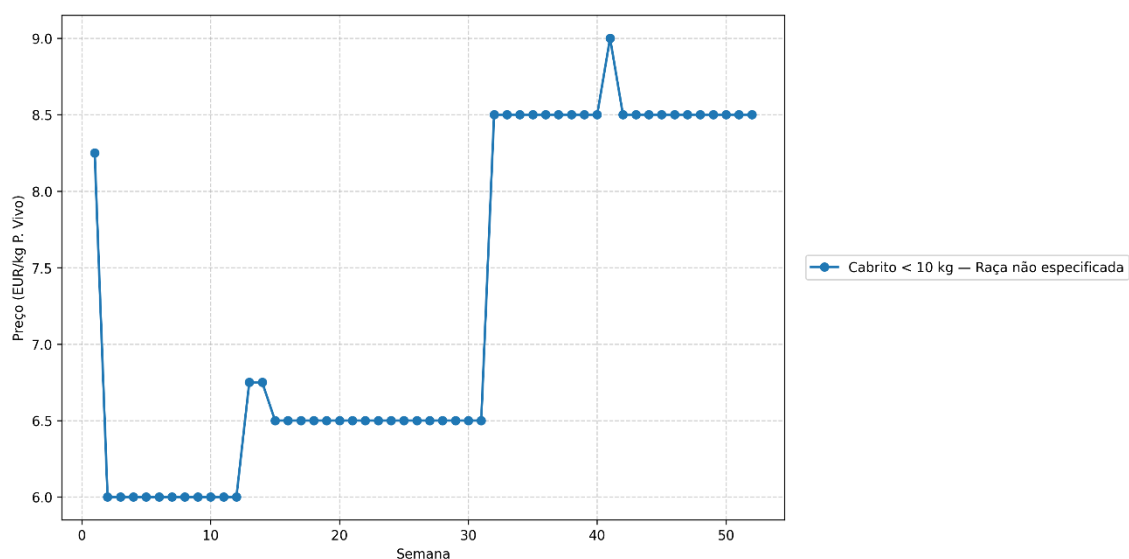


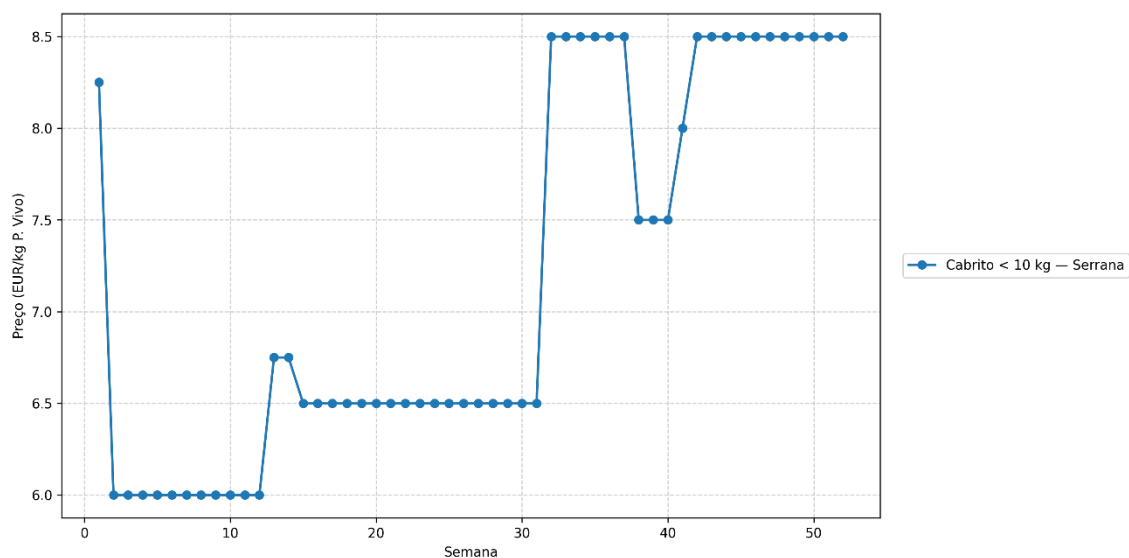
Figura 18 - Cotações do “cabrito<10 Kg PV” no mercado da Terra Fria



O comportamento da variação das cotações ao longo do ano para o “cabrito<10Kg PV” são iguais nos mercados da Terra Fria e Terra Quente, sendo que o fenótipo raça Serrana apenas tem cotação neste último mercado.

Numa breve análise a variação das cotações do “cabrito<10 Kg PV” tem um comportamento atípico em relação ao expectável, pois é sabido que a procura por este produto tem picos nas festividades da Páscoa (semana 10 a semana 13) e no Natal (semana 49 e 50).

Figura 19 - Cotações do “cabrito<10 Kg PV” no mercado da Terra Quente



Ovinos

Para os ovinos, à semelhança dos caprinos, são considerados os mercados do Alto Tâmega, Terra Fria e Terra Quente da sub-região de Trás-os-Montes e onde são considerados 5 diferentes categorias de animais, “borrego<12Kg PV”, “borrego 13 a 21 Kg PV”, “carneiro reprodutor”, “ovelha refugo” e “ovelha reprodutora” com diferentes tipologias de cotação, as dos borregos em €/Kg PV e as dos animais adultos em €/unidade. Todas estas categorias podem ter diferentes fenótipos.

À semelhança do que foi apresentado para os caprinos apresenta-se nas figuras 20, 21 e 22 as cotações dos vários produtos animais da espécie ovina, por fenótipo, para cada um dos mercados considerados.

Figura 20 - Cotações no mercado do Alto Tâmega para os produtos da espécie ovina.

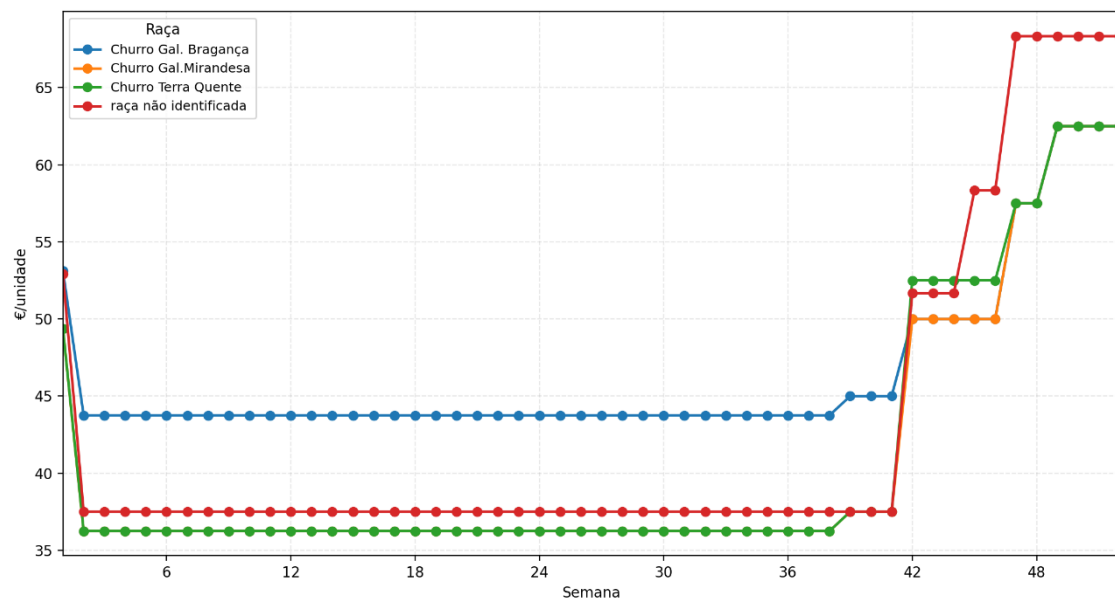


Figura 21 - Cotações no mercado da Terra Fria para os produtos da espécie ovina.

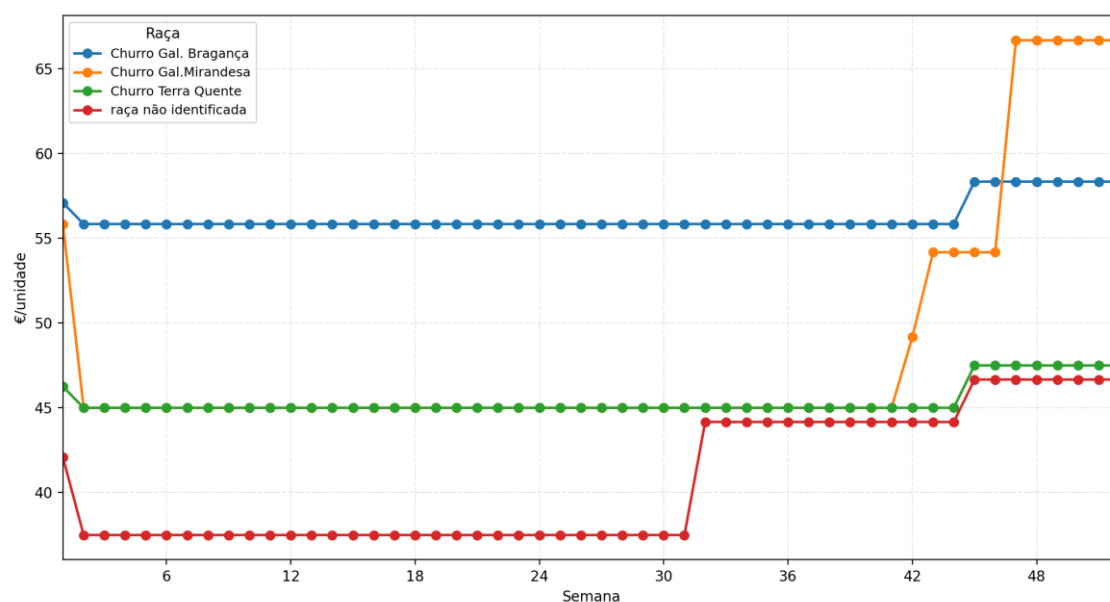
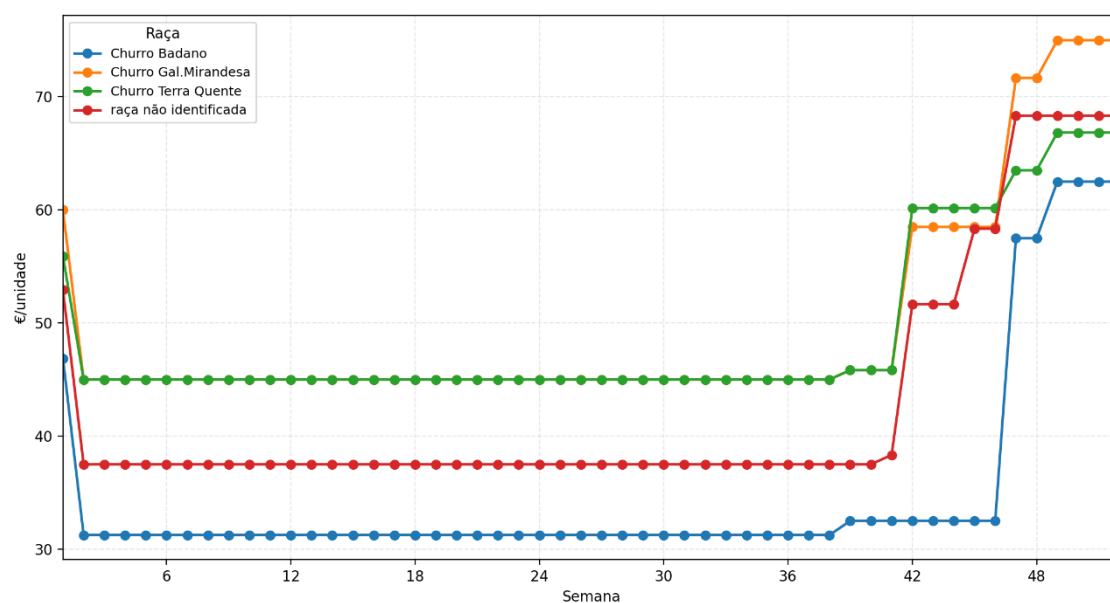


Figura 22 - Cotações no mercado da Terra Quente para os produtos da espécie ovina.



Nas figuras 23, 24 e 25 apresenta-se a evolução das cotações das categorias “borrego<12Kg PV” e “borrego 13 a 21 Kg PV” para cada um dos três mercados de Trás-os-Montes.

Figura 23 - Cotações do “borrego<12Kg PV” e “borrego 13 a 21 Kg PV” no mercado do Alto Tâmega

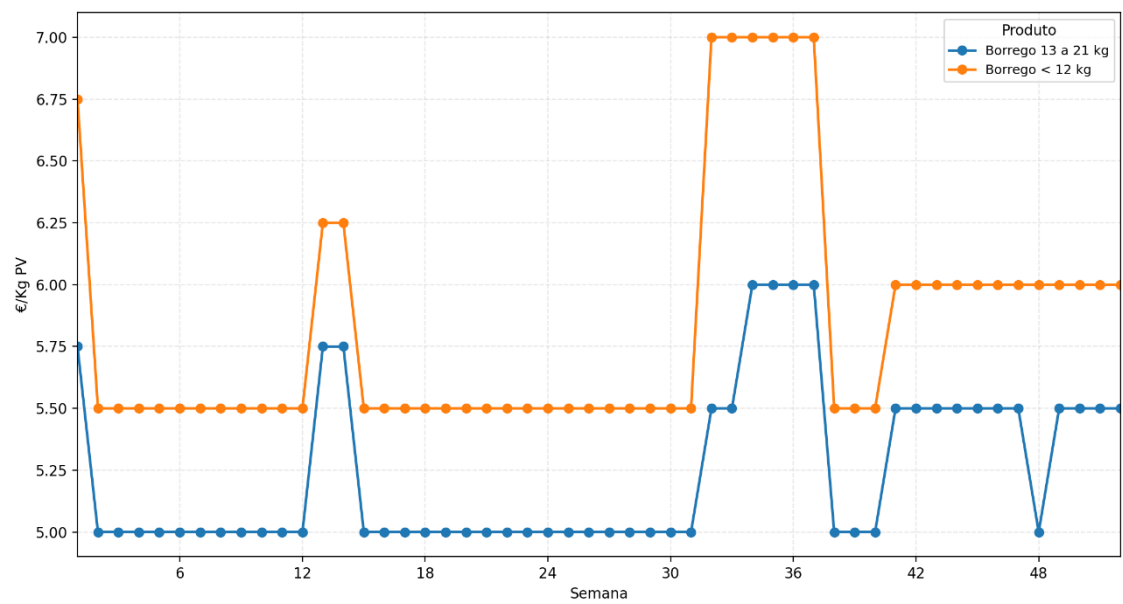


Figura 24 - Cotações do “borrego<12Kg PV” e “borrego 13 a 21 Kg PV” no mercado da Terra Fria

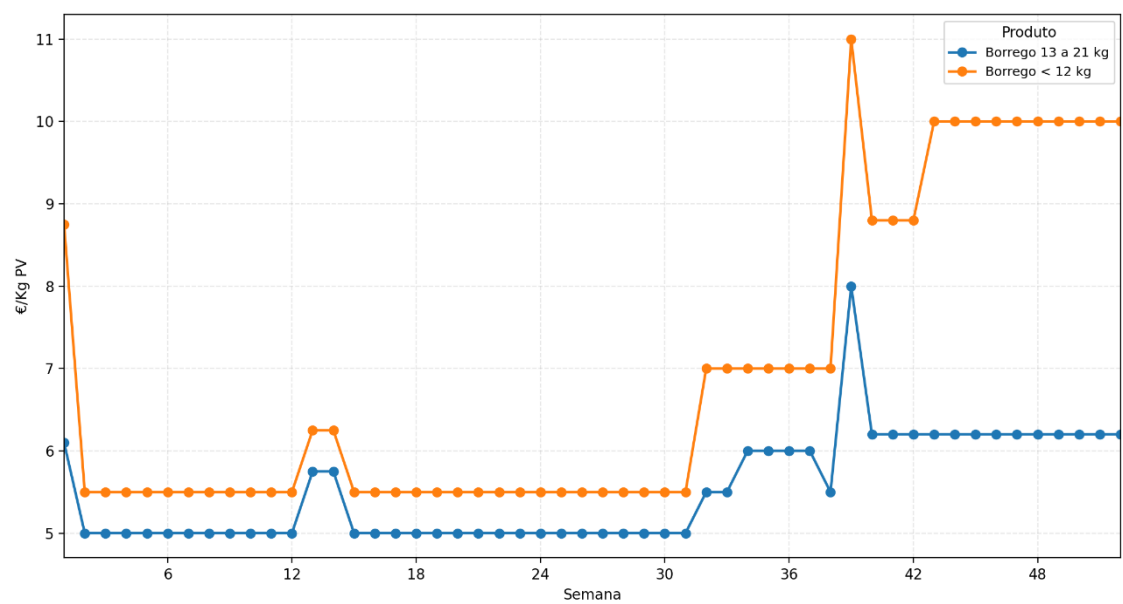
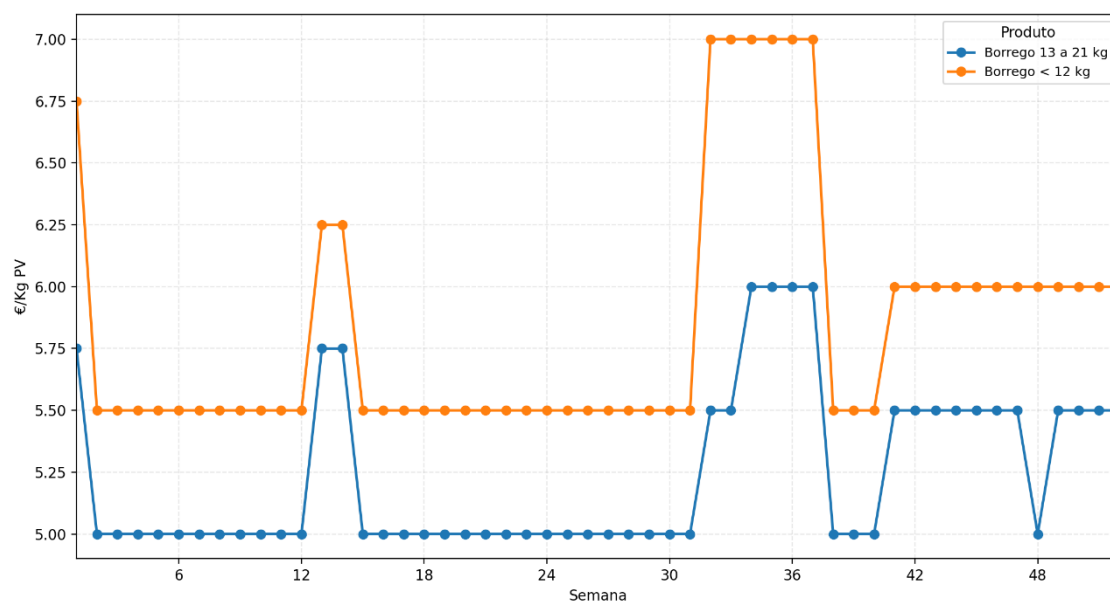


Figura 25 - Cotações do “borrego<12Kg PV” e “borrego 13 a 21 Kg PV” no mercado da Terra Quente



Da análise destes três gráficos salienta-se que o produto mais valorizado é o menos pesado evidenciando assim a preferência gastronómica do consumidor. Com ligeiras exceções pode-se afirmar que o comportamento da variação das cotações ao longo do ano é muito semelhante entre os dois produtos “borrego”.

As cotações são muito semelhantes nos mercados do Alto Tâmega e da Terra Quente sendo o mercado da Terra Fria aquele que melhor valoriza ambos os produtos “borrego”.

As aves, os ovos, leite e lacticínios, coelhos e pescado não têm cotações para o Norte de Portugal pois são de âmbito nacional.

6. Perspetivas

As perspetivas para a produção animal no Norte de Portugal são marcadas por um conjunto de tendências que refletem a evolução do setor a nível nacional e europeu. Embora existam desafios significativos, existem também oportunidades estratégicas que podem reforçar a competitividade e a sustentabilidade da atividade pecuária na região.

A pressão crescente para reduzir o impacto ambiental da pecuária irá incentivar a adoção de práticas de manejo sustentáveis, como o aumento da eficiência alimentar e energética, uma melhor gestão de efluentes, com recurso a unidades de biogás e recuperação da técnica da compostagem (vulgo estrume) e a valorização de pastagens permanentes bem como uma maior integração da produção animal na gestão do

território.

Esta transição poderá ainda reforçar a imagem dos produtos regionais como bens diferenciados e ambientalmente responsáveis.

A modernização tecnológica é uma das maiores oportunidades do setor com a utilização de sistemas de monitorização digital (sensores, colares inteligentes, câmaras térmicas), a automatização de tarefas, como ordenha robotizada ou distribuição automática de alimentos bem como a utilização de ferramentas de gestão digital que permitem decisões mais rápidas e fundamentadas. A incorporação destas tecnologias deverá permitir aumentar a eficiência, reduzir custos laborais e melhorar as condições de bem-estar animal.

O Norte de Portugal possui raças autóctones de elevado valor genético e cultural como por exemplo a Barrosã, e a Mirandesa para apenas dar dois exemplos dos 52 produtos com DOP, IGP ou IGT dos quais 36 são de produção animal, sem incluir a apicultura, cujo território de produção está no Norte. As perspetivas de desenvolvimento da produção animal no Norte incluem o reforço das certificações de origem (DOP/IGP,) onde deveriam ser repensadas as regras e normas do caderno de especificações para que permitam uma maior valorização destes produtos. A expansão de mercados premium, especialmente ligados ao turismo gastronómico com produtos de qualidade com maior promoção das carnes, queijos e enchidos artesanais, valorizando assim a ligação ao território é sem dúvida uma via a ser desenvolvida.

Num contexto de volatilidade dos preços e custos elevados, as explorações do Norte tenderão a apostar na diversificação de fontes de rendimento (agroturismo, produção energética, venda direta) através da associação entre produtores, cooperativas e agrupamentos para aumentar escala e capacidade de negociação onde a formação contínua em gestão, economia e tecnologia deverá ter um papel preponderante.

A tendência europeia aponta para regras sanitárias mais rigorosas e monitorização contínua com redução do uso de antibióticos e incentivo a práticas preventivas através de melhorias nos alojamentos e manejo para maior bem-estar animal. Estas mudanças contribuem para o aumento dos custos, mas também reforçam a credibilidade dos produtos no mercado.

A região terá de responder a novos desafios como a maior variabilidade climática, a necessidade de reforçar a importância e resiliência das pastagens, sistemas de abeberamento e sombreamento mais eficientes e estratégias para lidar com secas curtas e períodos de elevada humidade.

O consumidor procura cada vez mais produtos locais, uma produção responsável com rastreabilidade e transparência o que abre espaço à venda direta, circuitos curtos, e ao crescimento de lojas de produtores, facilitando uma maior valorização económica da produção. Em suma as perspetivas para a produção animal no Norte de Portugal são globalmente positivas, desde que o setor consiga equilibrar tradição e inovação. A aposta em sustentabilidade, tecnologia, valorização de produtos regionais e adaptação às novas exigências ambientais e sanitárias será determinante para garantir a competitividade e o futuro da atividade pecuária na região.